

Falésias também representam risco no litoral da PB

Acidente que matou uma família na Praia de Pipa (RN) provoca debate sobre importância da adoção de medidas preventivas em praias do litoral do Estado. **Páginas 13 e 14**

Foto: Marcus Antonius



Para especialistas, as chamadas "falésias vivas", ou seja, as que estão em contato direto com o mar, estão susceptíveis a constantes erosões

Entrevista

Foto: Marcus Antonius



Novo reitor da UFPB Valdiney Gouveia fala dos planos, protestos contra sua nomeação e diz estar aberto ao diálogo. **Página 4**

Paraíba

Turismo interno ganha força com a chegada do fim do ano

Por conta da pandemia, o paraibano tem preferido viagens de carro para locais perto, dentro da Paraíba ou em cidades vizinhas. **Páginas 5 e 6**

Foto: Daniel Fernandes/Divulgação



Guarabira Turismo religioso movimentou a economia do município, atraindo visitantes de todo o Brasil. **Página 8**

Esportes

Treze faz hoje jogo mais importante da temporada

Trepeço diante da Jacuipense pode levar o Galo de volta à Série D do Brasileiro. Partida será às 20 horas, no estádio Pituçu, em Salvador (BA). **Página 12**

Almanaque

Caixa D'Água, um poeta esporte fino

O inconfundível terno branco, a maleta sempre à mão e o jeito irreverente fizeram de Manoel José de Lima, o poeta Caixa D'Água, uma figura alegórica. Boêmio, fez amigos anônimos e importantes ao longo da vida. **Página 17**

Cultura

Foto: Divulgação



Sertão Encarnado História que une cangaço nordestino e maldição dos zumbis será lançada em projeto multimídia. **Página 9**

Colunas

/// Quando vivenciamos momentos de crise, nos sentimos em meio a uma escuridão que amedronta. **Página 2**

Rui Leitão

/// O poema melancólico de Cecília se propõe a fazer um retrato do sujeito poético, que não sou eu. **Página 10**

Kubitschek Pinheiro

Pensar

Aprendendo a refletir Professores, sociólogos e pensadores discutem como o direito à cidadania garante uma sociedade com mais liberdade, igualdade e possibilidades.



Editorial

Música e educação

Um toca, canta, rege, compõe..., o outro ensina, orienta... – embora haja quem ensine tocando, como também quem harpeje ensinando. Sobreposições inerentes à vida, que se torna, por essas e outras, um conjunto de circunstâncias maravilhosas, compensando assim os tantos dissabores que, identicamente, fazem-na – a vida - ser o que é (ou o que se imagina que ela é).

Dois países de histórias interligadas – Brasil e Angola -, dedicam o 22 de novembro, respectivamente, a duas profissões (ou dois profissionais, embora sejam mais que isso) da maior importância para o progresso da humanidade, em todos os sentidos, e que não estão dissociadas uma da outra: músico e educador. Som e conhecimento, elementos de harmonia.

O educador, na atualidade, cumpre a nobre e difícil missão de incentivar, intermediar e orientar os processos de ensino e aprendizagem. Em uma época de valores cambiantes, mudanças constantes de comportamento, polarização ideológica, revoluções tecnológicas, tudo isso refletindo na sala de aula, a responsabilidade desse profissional cresce exponencialmente.

O educador é uma referência em qualquer modelo social fundamentado no progresso material, político e espiritual dos indivíduos. Como diria Paulo Freire, a ele é dada a responsabilidade de gerir o desenvolvimento de crianças, jovens e adultos, nas dimensões essenciais que configuram o indivíduo, quais sejam, mental, corporal, fraternal, social e simbólica.

O músico, que desenvolve suas habilidades exatamente pela educação, exercita a arte de articular sons de natureza vocal ou instrumental, extraindo beleza e emoção dessa harmonia. É ele que traduz em melodias (associadas ou não a palavras) os sentimentos humanos, no entanto, não apenas os de ordem pessoal, mas também os sonhos e pesadelos coletivos.

O conhecimento tem na música e na educação dois veículos poderosos para se propagarem na alma e no intelecto dos seres humanos, alterando a visão de si próprios e do meio onde vivem. Arte e educação são ferramentas essenciais à transformação social, daí o mérito dos homens e mulheres que as sabem conduzir, no sentido de ajudar a construir um mundo melhor.

Crônica

Rui Leitão

iurleitao@hotmail.com | Colaborador

Quero ver as estrelas na escuridão

Não, eu não aceito que a escuridão me dê a sensação da cegueira. Recuso ficar sem enxergar. Quero buscar a luz, mínima que seja, mas que me traga esperança, me conduza no caminho da vida. Por mais que tentem me jogar num mundo sem claridade, sem perceber como posso dar um passo adiante, eu busco a luz de uma estrela.

Quando vivenciamos momentos de crise, instantes sombrios da vida, nos sentimos em meio a uma escuridão que amedronta. E assim entramos em pânico, sem orientação, desnorteados, querendo encontrar uma luz que nos permita visualizar o caminho a seguir. Esse brilho que se busca evita que tropeçemos, esbarremos nos obstáculos sem conhecer como vencê-los. A luz que se encontra, por mais ínfima que seja, permite orientação. Era dessa forma que os navegadores se guiavam nas noites escuras.

No Brasil contemporâneo experimentamos a atordoante impressão que estamos mergulhando numa es-

curidão, o caos se instalando. Me nego a aceitar essa realidade. Quero enxergar uma saída, desejo visualizar uma luz no fundo do túnel. Na verdade preciso procurar pelo menos uma estrela que me anime a acreditar no amanhã. Não podemos ser tragados pelas trevas da escuridão que teimam em nos colocar.

Quero enxergar uma saída, desejo visualizar uma luz no fundo do túnel. Na verdade preciso procurar pelo menos uma estrela que me anime a acreditar no amanhã.

Há quem diga que as estrelas são os olhos de Deus. Acredito nisso. A imensidão do firmamento nos proporciona luzes que são guias. Nessa visualização evitamos nos perder, sabemos como sair das tenebrosas ameaças da escuridão.

Portanto, quero ver as estrelas na escuridão. E que ninguém me impeça disso. Desejo mais, coloco fé que todos os brasileiros haverão de se libertar da venda nos olhos que querem nos colocar. Quero continuar enxergando. Quero continuar avistando o que possa ser considerado danoso para a nossa democracia, identificando o inaceitável. Quero ver as estrelas na escuridão.



Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Facínora hoje no Circo

O investimento deveria ser barato. O suficiente para fazer as instalações da cozinha e dos dois WCs. Naquele tempo não havia a coluna do meio, o que facilitava e barateava as coisas. Como eu ia dizendo, de alvenaria só os dois WCs, a cozinha e a pista de danças, ou picadeiro. Nada mais. A cobertura era a própria que dava nome à simplicidade do empreendimento "O Circo". Ele seria móvel como um circo: no inverno, estaria na cidade; no verão, na praia. E a pouca alvenaria seria construída uma de cada vez; a segunda, se primeira desse certo e bancasse a segunda.

Mas eu conversei demais e o projeto chegou em Adalberto Barreto, que o realizou. Não; ele nem sabia que eu tinha tido a ideia. Mas Elpídio Navarro Sabia, e levou para Adalberto. Só que na execução eles se perderam e gastaram muito; o resultado foi que o retorno do investimento não correspondeu. Aí Elpídio ligou para mim e me chamou para e dar jeito na minha invenção,

minha cara invenção. Mas O Circo tinha começado errado, não tinha jeito que desse jeito. Não havia como resgatar os dólares mal aplicados.

Tentamos de tudo, até cinema de arte O Circo foi. Mudamos o cardápio, mas as ostras de Itamaracá quedaram-se inúteis. E assim foi com as outras experiências. Inúteis. Lotamos a casa algumas vezes com Miltinho,

Mas eu conversei demais e o projeto chegou em Adalberto Barreto, que o realizou.

Gregorio Barrios, nomes assim. Mas o vermelho do caixa era inamovível. Foi então que resolvemos entrar com John Wayne, James Stewart e Lee Marvin, em "O homem que matou o o facínora", uma das

obras primas do Cinema e de John Ford, com direito à toda sua velha guarda – inclusive aquele negrão que ainda não foi alforriado.

Recomendo o Facínora. Pudera. Ford é um dos melhores diretores do mundo, e recomendá-lo não é mérito nenhum. Entre ele e Zinemann, quem ganharia esse duelo?

Foto: Reprodução



Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferroira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762

Banco Central retira cédulas falsas de circulação na Paraíba

No ano passado, sistema bancário recolheu no Estado 4.393 notas falsificadas; nos três primeiros meses deste ano, foram 274

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

O Banco Central do Brasil contabilizou, de janeiro a março deste ano, 274 notas falsas do real retidas na Paraíba. Durante o ano passado, o órgão divulgou que foram 4.393 cédulas tiradas de circulação no Estado, de janeiro a dezembro. A falsificação monetária é um crime previsto pelo Código Penal, no artigo 289, da lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. A pena é de multa e reclusão, de três a 12 anos. O crime considera a fabricação e/ou a alteração das notas ou moedas, locais ou estrangeiras.

“Nas mesmas penas incorre quem, por conta própria ou alheia, importa ou exporta, adquire, vende, troca, cede, empresta, guarda ou introduz na circulação moeda falsa. Quem, tendo recebido de boa-fé, como verdadeira, moeda falsa ou alterada, a restitui à circulação, depois de conhecer a falsidade, é punido com detenção, de seis meses a dois anos, e multa. É punido com reclusão, de três a quinze anos, e multa, o funcionário público ou diretor, gerente, ou fiscal de banco de emissão que fabrica, emite ou autoriza a fabricação ou emissão: I - de moeda com título ou peso inferior ao determinado em lei; II - de papel-moeda em quantidade superior à autorizada. Nas mesmas penas incorre quem desvia e faz circular moeda, cuja circulação não estava ainda autorizada”, conforme o Código Penal.

Famílias do real

As “famílias” do real equivalem aos designs diferenciados das notas mais antigas para as mais atuais.

A primeira família foi criada em 1994, na substituição da moeda do cruzeiro real para o real. A segunda família surge em 2010, possuindo novos elementos gráficos e de antifalsificação. Ambas as famílias possuem o mesmo valor, mas as cédulas da primeira geração do real estão sendo retiradas de circulação aos poucos, conforme sofrem desgaste e retornam ao Banco Central.

Como identificar

Os elementos ocultos nas cédulas, visíveis contra a luz ou em posições específicas, são os principais indicadores de que uma nota é verdadeira ou falsa.

Segundo a delegada adjunta de Defraudações de João Pessoa, Josenise de Andrade Francisco, “a questão da cédula falsa é verificar os sinais identificadores, sendo eles: o número de série, o tamanho da cédula, as marcas d’água, o tipo de papel. Por exemplo, a nota legítima tem umas texturas, você bota contra luz para ver a marca d’água”.

Bem como a delegada destacou, a textura das notas é áspera e o papel mais firme do que o papel comum, isso porque a impressão do Real é feita no papel fiduciário, o que se torna mais um fator tátil de diferenciação da nota verdadeira para a falsa.



Através do QR Code acesse o link do Banco Central sobre as cédulas e moedas em circulação no Brasil.



Família real: cédulas possuem uma série de itens que garantem a segurança e dificultam a falsificação



AS NOTAS FALSAS

Os dados do BC referente às notas retidas na Paraíba se dividem entre as notas da primeira família do Real e as da segunda família. Até março deste ano, os números foram os seguintes:

Primeira família do real - sete notas de R\$ 10; 19 notas de R\$ 50 e duas notas de R\$ 100.

Segunda família do real - 11 notas de R\$ 10; 46 notas de R\$ 20; 59 notas de R\$ 50 e 127 notas de R\$ 100. Já em 2019, de janeiro a dezembro, os números foram:

Primeira família do real - cinco notas de R\$ 2; 52 notas de R\$ 5; 120 notas de R\$ 10; 15 notas de R\$ 20; 416 notas de R\$ 50 e 72 notas de R\$ 100.

Segunda família do real - uma nota de R\$ 2; 31 notas de R\$ 5; 152 notas de R\$ 10; 506 notas de R\$ 20; 818 notas de R\$ 50 e 2.205 notas de R\$ 100.

COMO AGIR EM CASO DE CÉDULA SUSPEITA

Quando você receber uma cédula veja sempre os principais elementos de segurança:

- Nas cédulas da segunda família do real, verifique a Marca-d’Água, o Número Escondido, a Faixa Holográfica (nas notas de R\$ 50 e R\$ 100) e o Número que Muda de Cor (nas notas de R\$ 10 e R\$ 20). Sinta também o Alto-Relevo.
- Nas notas da primeira família verifique a Marca-d’Água, a Imagem Latente e o Registro Coincidente. Verifique também o Relevo.

COMO PROCEDER SE RECEBER UMA CÉDULA SUSPEITA:

a) De um terminal de auto-atendimento ou caixa eletrônico:

■ Dentro de uma agência bancária e durante o expediente

- encaminhar-se ao gerente da agência para pedir providências de pronta substituição. Se não obtiver solução satisfatória com o gerente do banco, o cidadão pode procurar uma delegacia policial mais próxima para registrar uma possível ocorrência.

■ Fora de uma agência ou do horário do expediente bancário

- na primeira oportunidade, dirigir-se ao gerente de sua agência bancária para pedir providências de pronta substituição. Se não obtiver solução satisfatória com o gerente do banco, o cidadão pode procurar uma delegacia policial mais próxima para registrar uma possível ocorrência.

b) Numa transação do dia a dia:

- Se você desconfiar da autenticidade de uma nota após observar os elementos de segurança ou comparar com outra cédula legítima, você pode recusá-la. É importante sempre recomendar ao dono do exemplar suspeito que procure uma agência bancária para encaminhamento da nota para ser analisada pelo Banco Central.

Fonte: Banco Central do Brasil

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

NA SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA, UM DEPOIMENTO DA ATIVISTA MAKOTA VALDINA



Professora e ativista das causas raciais e da igualdade de gênero no Brasil, a baiana Makota Valdina, que faleceu no ano passado, foi uma voz respeitada dentro do movimento negro. A coluna registra trecho de uma de suas últimas entrevistas à Revista Palmares, em que lhe foi feita a seguinte indagação: “Você se considera uma sábia negra? – ela foi proclamada ‘Mestre de Saberes’ pela prefeitura de Salvador: “Não, eu me considero uma aprendiz. Dizem que eu sou uma sábia. Fui homenageada com uma placa como mestra de saberes populares. Então eu digo: a negra que eu sou, o ser humano que eu sou, sou porque aprendi com os meus mestres. Meus primeiros mestres foram meus pais. Meus segundos mestres foram os outros negros da comunidade do Engenho Velho da Federação. Na primeira escola que estudei, minha primeira professora escrevia as letras e os números em uma pequena pedra, uma lousa apoiada em madeira. Meu lápis era também feito de pedra. Aqueles negros, aquelas negras, mulheres e homens da comunidade onde nasci, cresci e moro até hoje, foram os meus primeiros mestres. Naquele tempo a família era extensa. A comunidade era uma família. E ali a gente ensinava o que aprendia. Toda criança era responsabilidade de todo adulto. A gente aprendia dentro de casa a fazer as coisas, a cuidar da casa, a cuidar de outros. Como era a terceira filha e a mais velha das mulheres, aprendi também a ter cuidado com outros e com as crianças. A sabedoria que tenho hoje é que me foi passada por eles”.

APOIO OFICIALIZADO

E o vereador Marcos Henriques (PT), que já declarou publicamente apoio à candidatura de Cícero Lucena no segundo turno, confirma que esse seu posicionamento será oficializado amanhã, em encontro com o candidato do Progressistas. Enquanto partido, o PT não declarou apoio a Cícero, mas decidiu pregar voto contra Nilvan Ferreira (MDB), por considera-lo bolsonarista.

‘APARTHEID’ DISSIMULADO

Relator de um projeto de lei elaborado pela ‘Coalização Negra por Direitos’, o senador Paulo Paim (PT) que dar urgência à apreciação da proposta pelo Congresso – o projeto quer banir a conduta de agente público fundada em preconceito de raça, origem étnica, gênero, orientação sexual ou culto. Para ele, existe no Brasil um ‘apartheid’ dissimulado.

NEGROS E PARDOS

Levantamento do portal de notícias Gênero e Número, com base em dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), revela que 31,5% das prefeituras brasileiras serão administradas por homens e mulheres que se autodeclararam pardos ou pretos à Justiça Eleitoral. Em 25 capitais onde ocorreram eleições, domingo passado, 44% dos vereadores serão negros ou pardos.

“SOU POLÍTICO FICHA-LIMPA

Do candidato a prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena (PP), referindo-se à decisão da Justiça Federal que o inocentou, após quase duas décadas: “Eu vivi 16 anos de injustiça. Hoje, posso dizer que sou político ficha-limpa, porque fui reconhecido pela própria Justiça, me inocentando por unanimidade”.

“RESPONSABILIDADE É DE TODOS”

Em sua conta no twitter, o governador João Azevêdo voltou a alertar a população para que mantenha as regras de distanciamento social e o uso de máscaras. E afirmou que é preciso que todos façam a sua parte: “A Secretaria de Saúde segue monitorando o crescimento dos casos e o aumento da ocupação de leitos, mas a responsabilidade para conter o novo coronavírus é de todos nós”.

GOVERNADOR ALERTA SOBRE RELAXAMENTO DAS MEDIDAS DE PREVENÇÃO À COVID-19

É pertinente a avaliação feita pelo governador João Azevêdo, face ao aumento de casos de covid-19 na Paraíba: “Nos causa preocupação o crescimento dos casos de covid-19 num momento em que as pessoas relaxaram e estão mais permissivas quanto às medidas de prevenção. Diferentemente de março e abril quando tinham receio da contaminação, as pessoas começaram a perder o medo da doença”.

Valdiney Veloso Gouveia

Reitor da UFPB

“Não dá para continuar com picuinhas e birras”

Em entrevista ao **Jornal A União**, novo reitor fala sobre planos, protestos contra sua nomeação e diz que está aberto ao diálogo

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

Já empossado, o novo reitor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Valdiney Veloso Gouveia, iniciou os trabalhos à frente da instituição

e, em entrevista ao **Jornal A União**, garantiu que vem dialogando com diversos segmentos internos e externos para fortalecer a Universidade. Mesmo trabalhando, o reitor nomeado pelo presidente Jair Bolsonaro e pelo ministro da

Educação, Milton Ribeiro, é alvo de protestos pela comunidade acadêmica. Isto porque Valdiney, presente na lista tríplice encaminhada para o chefe de Estado, foi o menos votado da consulta feita junto à comunidade universitária.



Foto: Marcus Antonius

A nomeação e a conseguinte posse são vistas, então, como ato contra a democracia e autonomia da UFPB, prevista na Constituição Federal.

Os protestos tiveram início no dia 5 de novembro, quando a nomeação foi publicada no Diário Oficial da União, e persistem até hoje contando com estudantes, professores e técnicos da UFPB.

Além das manufações que rejeitam o professor no

cargo, Valdiney pode ter a gestão, com duração de quatro anos, interrompida. Na última quinta-feira, o Supremo Tribunal Federal (STF), através do ministro Edson Fachin, deu o prazo de cinco dias para que o presidente Jair Bolsonaro dê explicações sobre a nomeação de reitores nas universidades federais que não ocupam os primeiros lugares de listas votadas pelo corpo docente das instituições.

O presidente já havia deixado claro, quando eleito, que não seguiria as listas dos escolhidos. A solicitação, feita pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), pede que as nomeações já concretizadas e as futuras sejam suspensas.

Apesar da incerteza de continuidade, o novo reitor trabalha para colocar em prática pontos da carta proposta com objetivo central no aprimoramento da Universidade, visando uma melhor colocação no ranking de instituições no Brasil e no mundo.

O **Jornal A União** conversou com Valdiney Veloso sobre pontos de destaque na carta proposta e sobre posicionamentos a respeito dos possíveis caminhos para a UFPB. Confira:

A entrevista

O que será feito para que, como consta na carta proposta, a UFPB se torne instituição de referência nacional a partir de ações concretas de gestão?

■ Já começamos a fazer. Estamos definindo o reitorado com base em competência, não em alianças, indicações ou partidos e movimentos políticos. Breve será divulgado e vocês poderão ver que em todo esse perfil não existe um vínculo de amizade. É um vínculo de profissionalismo, competência. Entre os nossos membros figuram professores e pesquisadores do mais alto nível com pesquisas conhecidas nacional e internacionalmente. São pessoas engajadas na ciência, na tecnologia, arte e cultura. Além disso temos entrado em ação para conversar com diversos setores. Não seremos um reitorado de gabinete de redoma. Seremos um reitorado de rua, de saber o que precisa para resolver. Se não tiver solução, é que não tem mesmo. Mas se algo tiver a mínima, a remota solução, nós vamos buscar resolver. Nós queremos que a Universidade Federal da Paraíba, efetivamente, avance. Que ela não fique parada no tempo ou que remova o tempo todo em torno de questões que sequer dizem respeito às atividades da UFPB.

Promover condições igualitárias para os centros, cursos e campi também é um ponto da carta proposta, passa pelo incentivo do ensino, pesquisa e extensão. Como isso será executado?

■ Não só pretendemos como já reservamos verbas específicas e vamos lançar, até aproximadamente a próxima semana, um edital para dar suporte aos nossos pesquisadores. Essa é só uma demonstração do que vamos fazer porque virão mais notícias favoráveis.

A carta proposta tem, com certa frequência, a menção ao empreendedorismo. Como se dará esse elo entre universidade e o empreendedorismo?

■ Nós já estamos buscando isso, inclusive o nosso perfil, dos nossos pro-reitores, é, precisamente, de pessoas que busquem sair do que seria uma redoma da Universidade para que busque parcerias. Nós já temos agenda para conversar com os diversos setores da sociedade civil paraibana. Precisamos aproximar instituições públicas e privadas para mostrar o nosso potencial, o de nossos estudantes, de professores e técnicos. E buscar recursos e verbas para bolsas, equipamentos, insumos e esse é o empreendedorismo que precisamos, em várias áreas que são fundamentais como o de energias renováveis, centro de informática. Precisamos abrir a universidade para que ela não feche de vez.

Ainda sobre a carta proposta, um dos pontos mencionados é a não distinção entre cursos, departamentos e campi para fomentar uma igualdade. Nos últimos anos, no entanto, cursos de Humanas e Ciências Sociais vêm perdendo, recorrentemente, bolsas e outros incentivos à pesquisa e extensão. A política igualitária tam-

bém passa pela reparação desses incentivos?

■ No que compete a Universidade Federal da Paraíba, nós estaremos empenhados. Ainda essa semana, por exemplo, me chegou uma oportunidade para firmar parceria com outros países, mas que nós iríamos oferecer as bolsas. E no convênio, o que tem de vantagem para a Universidade Federal da Paraíba? “Não, professor, a Universidade arca só com as bolsas”. Então se tivermos recursos, pode ter certeza que eles serão destinados aos nossos estudantes de Pós-Graduação que são excelentes. Temos que valorizar a prata da casa dando apoio e suporte. A prioridade inicial, principal e fundamental se chama Universidade Federal da Paraíba.

Entre as propostas de sua chapa está a construção do Parque Tecnológico da Paraíba. O que vem a ser exatamente?

■ Nós vamos entrar em entendimento, devido ao contexto de eleições de centro, e, a partir daí, vamos conversar com os colegas para ver a viabilidade de onde e como fazer, quem poderemos contatar para que possamos empreender nessa direção também. Não será uma ação impositiva, será construída com os colegas.

Quais são os principais problemas de gerir a UFPB hoje?

■ Primeiro estamos tomando conhecimento de tudo que há. Sempre o término de uma gestão e início de outra envolve desafios. Por exemplo, nós temos contratos que venceram no dia em que eu tomei posse. Então é difícil você pegar um contrato que se vence no dia que se toma posse quando, no mínimo, seis meses antes poderia ter iniciado um processo licitatório. Estamos vendo isso com responsabilidade, avaliando e tentando, no máximo possível, o procedimento de prorrogação, se não o processo será de licitação. Estamos tomando decisões internas que breve a comunidade vai tomar conhecimento.

Sobre tratamento igualitário, todos os campi terão atenção na sua gestão?

■ Tem e seguirão tendo, e cada vez mais. As portas estarão sempre abertas. Garanto que qualquer colega, de qualquer curso e de qualquer orientação que seja deseje conversar com a Reitoria para não encontrar as portas abertas. Nós queremos fazer uma Reitoria que de fato que interaja e integre. Todos aqueles que querem construir uma Universidade Federal da Paraíba grande, tenha certeza que terá aqui um apoio, um braço.

A distribuição de verbas também será igualitária entre os campi?

■ Sobre a distribuição de verbas, nada muito diferente do que já temos hoje. A única coisa é que precisamos agir com responsabilidade. Existe uma

determinação que nós não podemos ter tantas unidades gestoras como nós gostaríamos. Há uma legislação, uma lei para isso. Então devemos reduzir bastante o número de unidades gestoras que hoje chegam a dez. Precisamos reduzir e vamos dialogar com a comunidade para ver em qual direção a gente reduz sempre mantendo aquelas que são necessárias e vitais para a Universidade Federal da Paraíba. Por outro lado, temos o planejamento de trabalhar com a nossa matriz orçamentária distribuindo-a também entre os departamentos em função dos planos de desenvolvimento departamental como consta na carta proposta. Isso significa tirar verba do centro? Não, significa distribuir. Com certeza não haverá qualquer objeção a qualquer centro ou departamento de onde for.

Essa veia de diálogo também estará presente para os estudantes?

■ A Universidade Federal da Paraíba tem, como foco único, os estudantes. Somos professores e pesquisadores que ensinam aos estudantes. Temos estudantes brilhantes com ideias brilhantes. Então a nossa proposta é: tem uma ideia? Vem aqui conversar, dialogar para compartilhar e crescer. Estamos vivendo novos tempos de inovação, crescimento. O que não dá é para continuar com picuinhas, com birras, com coisas que não levam a nada. Decoram-se meia dúzia de palavras, repetem como se fosse um mantra achando que vai fazer alguma coisa, mas esquecem de fazer o dever de casa, esquecem de estudar, esquecem de trabalhar, esquecem de produzir, de crescer, de pensar e de fazer a universidade efetivamente plural onde as pessoas podem divergir nas ideias, mas não no propósito, que é o crescimento da Universidade Federal da Paraíba.

Qual é a sua opinião sobre a manifestação contra a sua nomeação e posse na UFPB?

■ Sobre a manifestação, se ocorre dentro dos padrões que determina a legislação, se ocorre fora, as pessoas responsáveis por promover as manifestações devem ser responsabilizadas. Mas isso não compete ao professor Valdiney, nós temos o jurídico que cuida disso. Então não é o professor Valdiney indivíduo, é a instituição, a Universidade Federal da Paraíba. Sobre tudo se as manifestações respeitam os espaços, a mobilidade de ir e vir das pessoas, se respeita está ótimo. A UFPB já deixou de ser e não pode jamais voltar a ser um campo de batalha. Então se quiser batalha, vai ser fora da Universidade. O professor Valdiney não só não incentiva as batalhas como não vai se envolver em nenhuma delas. Deixa fazer o que quiserem desde que respeitem a legislação e o patrimônio da Universidade.

Na quinta-feira, o Supremo Tribunal Federal (STF) cobrou explicações do presidente Jair Bolsonaro sobre a nomeação de reitores que não são os líderes de listas tríplices nas Universidades Federais do país, como é o seu caso. Como o senhor enxerga esse posicionamento?

■ O professor Valdiney é um professor da Universidade Federal da Paraíba que participou de uma consulta pública na qual ele figurou na lista tríplice que foi submetida ao escrutínio do presidente da República que decidiu que seria o professor Valdiney o reitor. Se, por exemplo, amanhã, o Supremo Tribunal tiver uma decisão contrária a essa, o professor Valdiney sairá com a cabeça erguida tal qual entrou. A meta da vida professor Valdiney foi contribuir com a Universidade Federal da Paraíba e nisso está há quase 30 anos. Mas tenha em conta, o professor Valdiney chega cedo na Universidade e se dedica de corpo e alma. O professor Valdiney não vive em função de gratificações, de conchavos. E já digo, a decisão do Supremo Tribunal Federal deve ser plenamente respeitada, não tenho nem o que discutir. Todos os ministros têm o meu total e profundo respeito. Vamos mudar a página e contribuir com o crescimento da Universidade Federal da Paraíba que não é um crescimento do professor Valdiney, é um crescimento da Paraíba. E isso, eu penso, que importa a todos nós.



PURPLE IGUANA INVESTMENTS

M & A | EQUITY PARTNERS

New Office - João Pessoa - PARAÍBA

Avenida João Cirilo da Silva, 221

ALTIPLAX José Olímpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B

Altiplano Cabo Branco - CEP 58046-005

Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3254-5999



Lucena, com suas praias e coqueirais, também vem sendo um point no verão

Na pandemia, turistas saem rumo a destinos próximos

Fazer turismo dentro do Estado ou em cidades vizinhas já é tendência para evitar viagens longas em época de covid-19

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Quem não abre mão de viajar, mesmo durante a pandemia, tem dado preferência aos destinos mais próximos. Na Paraíba, por exemplo, turistas locais estão optando por viagens de carro para dentro do Estado ou para estados vizinhos, uma tendência que deve continuar nos próximos meses, conforme estimam as agências de viagem e a própria PBTur. A busca por roteiros menos distantes no 'novo normal' do turismo deve fortalecer as viagens de lazer nos municípios paraibanos e pelo Nordeste durante a alta estação.

A estudante de Administração, Karolyna Ferreira, deu um tempo nas viagens desde o início da pandemia e confessa que ainda está com certo receio, mas tem planos de botar o pé na estrada. "Na verdade, minha ideia era fazer uma viagem internacional, mas como ainda estamos nesse momento complicado, não quero ir muito longe e prefiro evitar aglomeração em aviões ou ônibus", afirmou.

Diante do cenário ainda incerto, a estudante preferiu adiar a compra do pacote de viagem. "Pretendo ir de carro, não sei se em janeiro ou fevereiro, mas é certo que será para uma cidade aqui mesmo no Nordeste, talvez

Alagoas. Acho que, por enquanto, é mais seguro", ponderou.

Cristiane Silva, que é funcionária pública, fechou ainda mais as possibilidades de destinos para visitar. "Acho que nem dá para dizer que é uma viagem, porque a distância é curta. Moro em João Pessoa e estou definindo se vou para o Litoral Sul, Carapibus, Tabatinga, Coqueirinho, ou para Lucena, no Litoral Norte. Além de serem praias lindas, com toda estrutura, é possível economizar em pousadas que têm preço acessível. Sem contar que sempre observo os cuidados desses locais como a disponibilização de álcool em gel, o distanciamento entre mesas", analisou.



Prejuízos ainda não terminaram

A pandemia prejudicou todos os setores da economia no mundo, envolvendo o comércio, indústria, serviços e afetou em cheio o turismo, tornando impossível a comparação dos ganhos atuais com os do ano passado e de anos anteriores, conforme avaliou a presidente da PBTur.

Segundo ela, mesmo sendo um ano difícil, de crise, com muitos problemas no Brasil, fechamento da Avianca, os óleos nas praias do Nordeste que atrapalharam muito o turismo, 2019 não registrou tantas perdas quanto 2020. "Os prejuízos são grandes e estamos retomando aos poucos, mas

não dá para comparar o que era antes como que é agora. A gente ainda tem grandes prejuízos a contabilizar por conta da pandemia no setor de turismo", lamentou.

Ruth comentou que houve mudança no perfil de turistas. O movimento de pessoas que vinham de São Paulo, maior emissor de visitantes para o estado, caiu muito. Por conta da pandemia, Rio Grande do Norte e Pernambuco, que ficavam atrás do Estado do Sudeste, passaram à frente em razão da proximidade. Com isso, além da mudança de perfil, o maior fluxo passou a ser dos estados vizinhos e da própria Paraíba.

PBTur confirma 'novo turismo'

O turismo local e em estados próximos têm sido, de fato, uma tendência observada na Paraíba. A presidente da Empresa Paraíba de Turismo (PBTur), Ruth Avelino, afirmou que o turista tem procurado viajar pelos destinos dentro do seu próprio Estado e nos mais próximos na Paraíba, no Brasil e no mundo.

"A tendência, nesse início da retomada do turismo que começou em julho, agosto e agora está um pouquinho mais acelerada, é justamente essa: os paraibanos viajando pela Paraíba, indo para o Rio Grande do Norte e para Pernambuco. Temos recebido também muita gente desses estados e eles têm lotado os hotéis da Paraíba nos finais de semana. Tenho testemunho de alguns hoteleiros de que nunca receberam tantos paraibanos em

seus hotéis como nesse período de pandemia", disse.

Ruth destacou que as viagens de carro têm sido, realmente, a escolha da maior parte dos turistas. "Eles estão viajando mais de carro, em família, com amigos próximos justamente porque a pandemia está aí, o vírus está ativo e todo cuidado é pouco", alertou. Aos poucos, conforme acrescentou, os poucos voos recuperados em João Pessoa e Campina Grande estão indo lotados, mesmo que a maioria siga a trabalho e poucos turistas sigam em longa distância. "É o pessoal no eixo Rio-São Paulo, Minas Gerais, mas esse turista ainda é em número muito pequeno. Realmente, as viagens de carro e de curta distância são as preferidas neste momento", constatou.

Foto: Teresa Duarte



Municípios do Litoral Sul, como Conde, são alguns dos destinos mais procurados

LOCAIS MAIS PROCURADOS NA PARAÍBA

João Pessoa;

- Todo o Litoral Norte e Sul;
- Cidades do Brejo, como Bananeiras e Areia;
- No Curimataú, Araruna, por conta da Pedra da Boca e da grande estrutura oferecida;
- No Cariri, Cabaceiras tem registrado bom fluxo no final de semana; Campina Grande tem bom fluxo durante a semana por ser pólo universitário, econômico e comercial;
- Patos mantém a mesma característica de Campina Grande.



Destinos mais buscados em estados vizinhos

Pernambuco – Recife, Porto de Galinhas, Triunfo e Garanhuns;
Rio Grande do Norte - Pipa, Tibau do Sul, Natal, Mossoró;
Xingó, entre Sergipe e Alagoas, e Beach Park, em Fortaleza, têm sido procurados, mas com menor intensidade, por serem mais distantes.

Foto: Divulgação



Muitos paraibanos têm viajado para o Estado vizinho de Rio Grande do Norte

Continua na página 6



▶▶▶ Continuação

Viagens curtas vão continuar

Para a presidente da PBTur, Ruth Avelino, as pessoas deverão seguir nesse formato até a chegada de uma vacina

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

A tendência de viagens para destinos próximos vai continuar nos próximos meses, conforme a presidente da PBTur, Ruth Avelino. Para ela, isso deve ocorrer até que se tenha uma vacina. Mesmo assim, em dezembro e janeiro, a expectativa é de um fluxo maior também de outros estados, de longa distância. De acordo com ela, há companhias aéreas anunciando voos dedicados ao turismo, como é o caso da Azul, que está colocando um voo aos sábados, vindo de Campinas (SP), outro também aos sábados, vindo de Confins (Belo Horizonte). Ou seja, há uma tendência maior de turistas de outras regiões, de estados mais

distantes, na alta estação.

“Por conta dos riscos da contaminação, as pessoas estão optando por esse tipo de situação. Ninguém aguenta mais ficar em casa, a quarentena foi muito longa. Na verdade, o Brasil não adotou uma quarentena rígida e ainda está na primeira onda, porque não houve lockdown”, enfatizou.

Viajar para perto, segundo ela, é uma forma de diversão em família, com amigos próximos. “É uma tendência e uma consequência da pandemia. Já havíamos discutido com todos os secretários de turismo do Brasil, no Fórum de Secretários e Dirigentes de Órgãos, em março, que a retomada seria dessa forma e é isso que está acontecendo no Brasil inteiro”, disse.

A tendência, porém, afeta o turismo, porque a ocupação tem ficado muito baixa durante a semana, com alta entre a sexta e domingo, chegando a quase 100% de ocupação nos hotéis por turistas da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Alagoas, que viajam de carro. Turistas do Ceará estão ocupando os hotéis de Cajazeiras, Patos e Sousa, no Sertão e Alto Sertão.

“Durante a semana, a ocupação fica entre 20% e 40%. Isso não é bom para a hotelaria, afeta muito o receptivo, porque quem viaja de carro não utiliza as vans e os ônibus para fazer passeios. Mas, isso é passageiro. A gente tem fé em Deus que, em breve, tudo vai melhorar quando chegar essa vacina”, acrescentou Ruth.

Foto: Edson Matos



Segundo Avelino, o fato de viajar com amigos ou familiares já é um ato muito prazeroso, mesmo para locais próximos

+ Boas expectativas para o verão

O ‘novo normal’ não vale apenas para o turismo, mas para a vida de todo mundo no mundo todo. “O uso da máscara na maior parte dos ambientes de um hotel ou pousada precisa ser respeitado. No restaurante, as pessoas sabem que o acessório só pode ser tirado na hora em que for comer ou beber. Além disso, há a necessidade de verificar a temperatura, o cuidado com a higienização dos ambientes, do material que se utiliza”, observou Ruth Avelino.

“O novo normal no turismo tem um agravante maior quando se viaja de avião, nos aeroportos. Esse novo normal veio para ficar durante muito tempo e acredito que as coisas só vão melhorar quando aparecer a vacina, quando ela chegar no Brasil e as pessoas se vacinarem. É quando talvez se consiga ter uma vida normal como antes. E a gente nem sabe se vai voltar a ser. Muitos cuidados vão ficar, com certeza”, analisou.

Por outro lado, e apesar de tudo, existem boas perspectivas para a alta estação. A expectativa da PBTur é de que os turistas locais permaneçam dentro do Estado, mas Ruth Avelino também aposta na vinda de visitantes de estados mais distantes. “Nossa expectativa para a alta estação é muito boa. A gente sabe que não vai ser igual ao ano passado, mas estamos otimistas, acreditamos num fluxo bacana”.

A expectativa é de turistas do Sudeste, Centro-Oeste, até porque a Paraíba está investindo em mídia nessas regiões. “Estamos com anúncio em emissoras de TV fechadas no Sudeste por conta dos novos voos que vão chegar. O Governo do Estado, através da Secretaria de Comunicação (Secom), está fazendo um trabalho muito forte de divulgação nesses estados – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Brasília – e estamos bem confiantes”, afirmou.

Foto: Evandro Pereira



A previsão é que a rede hoteleira esteja ocupada no fim do ano e próximos feriados

Foto: Reprodução

Agências de turismo estão investindo em pacotes que incluem trajetos mais curtos



Rotas já somam 60% dos pacotes

As rotas próximas estão sendo responsáveis por até 60% dos pacotes fechados em algumas agências. Pelo menos, na Terramar Turismo, que prioriza as viagens internacionais e para pessoas na terceira idade, houve mudança de perfil e as viagens para destinos próximos estão em alta. De acordo com a gerente, Ellen Santos, Pernambuco tem sido muito procurado, especialmente destinos como Cabo de Santo Agostinho, onde há resort, e Tamandaré. No Rio Grande do Norte, Natal, Nísia Floresta e Pipa. Agora, segundo ela, começou a procura por Maragogi (Alagoas), Maceió, e Jericoacoara, no Ceará.

Ela afirmou que a expectativa para o final do ano é boa no Nordeste e já há pesquisa de tarifas para a virada do ano em Pernambuco, Maceió. “A hotelaria teve muita promoção no Nordeste e isso atrai o turismo, por isso vendemos muito. A pandemia nos trouxe aprendizado e tivemos que estender para o nacional e local”, comentou. Já há procura também para as férias de

janeiro e Carnaval. “Será um Carnaval diferente, focado em outros destinos como Gramado, Santa Catarina, tirando o foco de Bahia, Recife e Rio de Janeiro”, observou Ellen.

O gerente comercial da Classic Turismo, Kaio César Barreto de Sousa, confirmou a tendência de viagens para destinos próximos. “Essa procura ocorre em razão do controle maior que a pessoa imagina ter em termos de segurança em relação à pandemia. Normalmente, vai no seu carro, seu grupo familiar, não tem envolvimento no voo”, garantiu.

Para ele, as viagens mais locais acontecem pela facilidade de manter o isolamento. “Perguntam sobre os protocolos de segurança dos hotéis, como distanciamento, redução de apartamentos disponíveis, capacidade do hotel. As pessoas procuram saber para ter um certo controle e, por estarem perto de casa, se houver qualquer intercorrência, podem retornar rapidamente”, afirmou.



Foto: Edson Matos

Em um único dia, e em poucas horas, a equipe do Jornal A União registrou três flagrantes que demonstram como o cidadão, a parte mais frágil do trânsito, precisa estar alerta aos que não respeitam as faixas de pedestres

Educação no trânsito: faixas de pedestres não são respeitadas

Trechos mais movimentados exigem atenção redobrada, tanto de pedestres, quanto de ciclistas, motoristas e motociclistas

Juliana Cavalcanti
juliana.ferreiracavalcanti@gmail.com

Atravessar a rua pela faixa de pedestre nem sempre significa garantia de segurança. Motoristas desrespeitam a sinalização e poucos têm o hábito de parar ou reduzir a velocidade quando se aproximam de local onde há faixa, segundo reclamam pedestres. A falta de campanhas educativas, de conscientização também contribui para o desrespeito à sinalização.

Carla Dias, proprietária de uma lanchonete loca-

lizada em uma avenida do Castelo Branco e moradora do bairro de Mangabeira, acredita que a sinalização é fundamental, principalmente para os pedestres, a parte mais vulnerável do trânsito.

“Pelos lugares que ando, como na praia e em Mangabeira, os motoristas param para o pedestre, mas na principal do Castelo Branco, por exemplo, há inúmeras faixas só de enfeite, pois eles nunca param e os carros passam muito rápido. Já cheguei a passar mais de 15 minutos em uma faixa esperando pararem para a minha travessia

na Beira Rio,” criticou.

A empreendedora afirma que em alguns bairros, os motoristas até respeitam, mas em outros é mais difícil, em especial nas faixas onde não existem semáforos. Em Mangabeira, ela geralmente atravessa na faixa, na esperança de que algum veículo pare, já que considera esta a atitude mais consciente. “Geralmente, os motociclistas são os que mais param, carros nem tanto. Os que têm bom senso em parar, ficam atentos aos carros que vem atrás ou em sua faixa lateral e chegam até a acenar para

que parem. Poucos são os desatentos em Mangabeira”, acrescentou.

Já a professora de espanhol, Helena Gomes, mora no Bessa e percebe diferenças de conscientização em relação às faixas nas várias áreas do município. “No Bessa, que eu saiba, tem mais faixa no semáforo, mas a que tem na principal do Bessa (perto do Cidade Viva) geralmente as pessoas respeitam sim. Inclusive, a gente liga o alerta do carro para evitar acidentes. Acho que pelo Bessa e Manaíra é tranquilo. Tem bairro com mais movimento

que acho mais complicado, como Mangabeira, Geisel e Valentina”, comentou.

A educadora relatou que hoje são poucas as ações educativas sobre o assunto na cidade, principalmente nas áreas que precisam de mais atenção, pelo maior número de pedestres, ciclistas e motoristas.

“Nunca mais vi essas campanhas. Seria importante que tivesse mais para conscientizar. Se eu estou dirigindo e eu consigo enxergar a tempo que tem alguém querendo passar, eu paro e ligo o alerta. Mas, têm

motoristas que vêm muito rápido atrás e se você parar, tem o perigo de bater o carro assim como também tem pedestre que não colabora”, argumentou.

Pedestres relatam que é necessário ter um programa de educação no trânsito para que o direito seja cumprido

Capital possui 2.422 faixas de pedestres, afirma Semob-JP

De acordo com a Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de João Pessoa (Semob-JP), atualmente, a capital paraibana possui 2.422 faixas de pedestres e por isso, realiza um trabalho educativo e de conscientização através de sua Divisão de Educação (Died) voltado para toda a população, desde crianças em idade escolar.

Segundo o órgão, as ações educativas ocorrem em locais diversos, sendo mais comuns nos corredores principais e avenidas com maior fluxo de tráfego dos bairros. Nestas atividades, os motoristas e pedestres são abordados pelos agentes e recebem orientações de segurança no trânsito sobre a importância de respeitar a prioridade de quem está na faixa, além de material educativo.

Escolas, empresas públicas e privadas e instituições também podem receber a visita dos agentes de mobilidade para ações educativas voltadas às diversas faixas etárias. Existe ainda a vistoria contínua das condições de toda a sinalização viária da cidade e a sua constante manutenção e revi-

talização, trabalho que foca principalmente nos pedestres.

“O pedestre é o mais frágil do trânsito e é aquele que deve ser protegido por todos os demais, mas que também tem suas responsabilidades, sendo a principal delas a travessia na faixa. Construir um trânsito pacífico e seguro é uma missão que cabe a cada cidadão. Os condutores dos transportes motorizados têm que respeitar os espaços dos pedestres. Todos devem obedecer à sinalização, parando para os pedestres, deixando nosso trânsito mais seguro e humanizado”, esclareceu o superintendente da Semob-JP, Wallace Massini.



Orientações para requerer faixa de pedestres estão no QR Code acima

PROGRAMA PREVÊ REVITALIZAÇÃO

■ Conforme a Semob- JP, o Programa Ação Asfalto tem o objetivo de beneficiar vias com capeamento e recapeamento, principalmente onde transita o transporte coletivo, além da revitalização e pintura destes espaços.

O cidadão também pode solicitar a instalação de faixa de pedestre ou qualquer sinalização através do 'Fale Conosco', no endereço: servicos.semobjp.pb.gov.br. Também existe a solicitação presencial, na sede do órgão, no bairro do Cristo, das 8h às 17h. Nos dois casos, a demanda é encaminhada para o setor de Planejamento, onde a implantação é avaliada considerando o Código Brasileiro de Trânsito (CTB).

Foto: Divulgação



O superintendente da Semob-JP, Wallace Massini, afirmou que as ações educativas ocorrem em vários locais da cidade



Foto: Daniel Fernandes

Guarabira e o potencial do turismo religioso

A história da cidade tem como base vários ritos católicos que são cultivados até hoje, atraindo turistas da Paraíba e de outros estados do Brasil

Sara Gomes
saragomesilva@gmail.com

Localizado na mesorregião do Agreste paraibano, o município de Guarabira completa 133 anos de emancipação política no próximo 26 de novembro. A cidade é conhecida pela tradicional Festa da Luz e pela potencialidade do turismo religioso. Além disso, o município é de grande importância política e econômica na Paraíba, pois é sede da microrregião de Guarabira formada por 14 municípios.

Segundo informações do IBGE, o município possui uma área de 162,387 km² e uma população estimada de 59.115 pessoas. Guarabira faz limite com os seguintes municípios: Pirpirituba ao norte, Pilõesinhos a noroeste, Cuitagi a oeste, Alagoinha a sudeste, Mulungu ao sul e Araçagi a leste. Todos estes municípios já fizeram parte de seu território.

De acordo com o professor de Geografia e criador da página no facebook "Belezas de Guarabira", Daniel Fernandes, o turismo religioso é o ponto forte do município. Turistas de diversos estados e municípios da Paraíba visitam Guarabira nos finais de semana e feriados, com destaque para o Memorial de Frei Damiano e Catedral de Nossa Senhora da Luz.

O Memorial localiza-se na Serra da Jurema, mas durante o percurso até o Memorial existe algumas atrações turísticas. "A Serra da

Jurema também possui uma rampa para os praticantes de voo livre, bem como trilhas para os praticantes e adeptos do mountain bike. Por ser o ponto mais alto do local, é possível ter uma visão panorâmica da cidade e de alguns municípios vizinhos, assim como as belas paisagens da região", disse.

Festa da Luz

A Festa da Luz é o maior e mais importante evento turístico da região, tanto a parte religiosa quanto a profana. A parte religiosa acontece na Catedral de Nossa Senhora da Luz, onde são realizadas cerimônias religiosas, atraindo bastante fiéis. A procissão de Nossa Senhora da Luz acontece no dia 2 de fevereiro. Já a parte profana também reúne milhares de pessoas que visitam a cidade em busca de entretenimento e diversão, com atrações musicais de renome nacional.

Via Sacra

Foram instaladas 62 estátuas de concreto, feitas em tamanho real. Elas representam o caminho que Jesus percorreu até o calvário. Todos os anos na Quaresma, milhares de católicos fazem este percurso durante a noite e meditando cada estação.

O Cruzeiro

O monumento no formato de uma grande cruz com 12 metros de altura, conhecido como Cruzeiro, foi erguido na década de 60 pela comunidade católica de Guarabira. A grande cruz foi leva-

da nas costas pela população até o local onde se encontra até hoje. Anos depois foi revestida com azulejos portugueses, de autoria do grande ceramista pernambucano Francisco Brenannnd.

Memorial

O Memorial Frei Damiano é composto por um museu, que preserva objetos pessoais, fotografias e artigos religiosos do frei capuchinho. A estátua do frei tem cerca de 34 metros de altura, sendo a terceira maior do Brasil, superada apenas pelo Cristo Redentor e Santa Rita de Cásia, no Rio Grande do Norte.

História

De origem tupi-guarani, Guarabira significa 'Berço das Garças'. O município foi batizado com esse nome pois existia muitas tribos indígenas na região. Mas quem fez o primeiro povoamento foi Duarte da Silveira, senhor do Engenho Morgado, localizado às margens do Rio Manganguape.

Outro personagem que marcou a história da cidade, segundo Daniel Fernandes, foi o português José Rodrigues Gonçalves da Costa, conhecido como Costa Beiriz. "Em 1º de novembro de 1755 um terremoto devastou Portugal e matou cerca de 80 mil pessoas. Costa Beiriz fugiu para o Brasil e trouxe consigo uma imagem de Nossa Senhora da Luz, a quem fez uma promessa de erguer uma igreja como forma de agradecimento por ter saído com vida desta tragédia", contextualizou.

Foto: Divulgação

Foto: Daniel Fernandes

Com mais de 59 mil habitantes, Guarabira completará 133 anos de emancipação política no próximo dia 26 de novembro



A Festa da Luz reúne milhares de fiéis e é um rito tradicional da cidade





Foto: Divulgação

Projeto multimídia explora Sertão em jogo, HQ e filme

Criado em Campina Grande, 'Sertão Encarnado' envolve o cangaço com uma maldição zumbi

Guilherme Cabral
guijb_jornalista@hotmail.com

Um projeto, vários formatos. *Sertão Encarnado* aborda o cangaço com o cunho multimídia. Nesse sentido, além de dois videogames, há um filme de longa-metragem de animação, folheto de cordel e uma história em quadrinhos (HQ), a qual deverá sair primeiramente, com previsão de lançamento para 2022. A intenção de seus criadores – os paraibanos Rodrigo Motta e Kleyner Arley – é disponibilizar todos esses produtos gradativamente, ao longo dos próximos quatro anos, com o intuito de manter a atenção constante do público.

“A história dos dois jogos ainda estamos resolvendo, mas tudo vai girar em torno do plot principal, tanto da animação quanto da história em quadrinhos, que são os cangaceiros lutando contra a ameaça da maldição dos zumbis. Não vão diferir tanto disso. Vai mudar a forma de game play, como é que os jogos são jogados. Provavelmente um jogo é mais de luta e o outro mais de estratégia”, explicou Rodrigo Motta.

Ambos os games já estão sendo produzidos em Campina Grande, por enquanto com recursos próprios.

Motta comentou que o primeiro videogame vai ser baseado em outro jogo que ele criou, *Xilo*, com visual inspirado em xilogravuras. “A ideia é produzir o jogo com visual próprio, no qual os personagens serão os do *Sertão Encarnado*, com previsão de lançamento para 2022, e o segundo para 2024”, estipulou Rodrigo, acrescentando que, por ser uma série, cada formato deverá ter algum tipo de arte conceitual comum.

“O polo de desenvolvimento de games, em Campina Grande, é muito importante, pois já é uma cidade conhecida como polo de tecnologia, de um modo geral, de formação de tecnologia, por causa das faculdades, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), principalmente, e daí evoluiu para o desenvolvimento de games também, só que, dessa vez, com o curso de Jogos Digitais da Unifacisa, onde sou professor e que, ao longo de 10 anos, já formou profissionais que hoje estão trabalhando na Alemanha, Canadá e Estados Unidos e em todas as partes do Brasil”.

Mesmo com essa bagagem, para Rodrigo Motta, a cena é ainda iniciante do ponto de vista de desenvolvimento. “Existem algumas empresas que atuam em Campina Grande já desenvolvendo jogos há cinco, seis

anos, e isso é importante porque é uma profissão do futuro, trabalhar com interação, com desenvolvimento de jogos com aplicações e tudo mais e é sempre uma tendência da cidade de inovar nesse sentido, em relação à tecnologia”, observou.

Motta percebeu que, durante a crise sanitária, os jogos digitais atraíram ainda mais a atenção das pessoas. “A pandemia fez com que triplicasse a procura por alguns tipos de jogos, como os que possibilitam maior interação social com outros jogadores, por causa do isolamento trazido pela doença. A pandemia trouxe resultado positivo para esse mercado”, comentou.

Com relação à história em quadrinhos, a previsão é de que a revista terá 100 páginas, das quais 50 estão prontas e as demais já rascunhadas. A história de terror e ação é ambientada entre os anos de 1923 e 1926 e se desenrola em municípios fictícios dos sertões da Paraíba, Pernambuco e Ceará, narrando a ação de cangaceiros que terão as habilidades colocadas à prova em uma cidade amaldiçoada à morte.

O enredo da série é inspirado na história de abusos e torturas sofridos

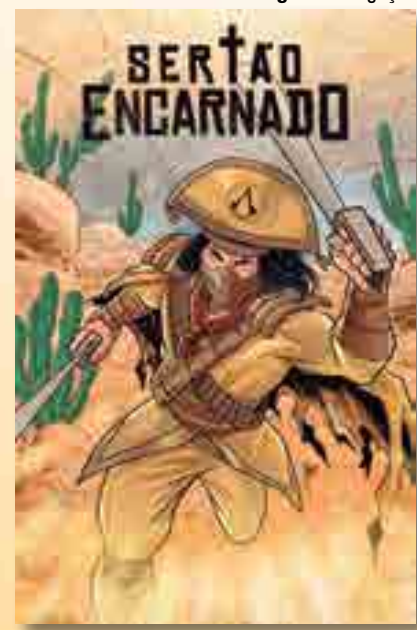
uma menina dada pelos pais para um casal, como saída para salvar a filha da fome e da seca que castigava a região nordestina. Nessa ficção, após o assassinato da menina cometido pelos tutores, que não foram punidos, a cidade sofre uma maldição divina: os moradores do local passam a sobreviver sob uma espécie de apocalipse zumbi.

Paralelamente ao fato do assassinato, surgem os cinco cangaceiros fictícios do bando de Lampião, que são os protagonistas da narrativa. O grupo é contratado pelo Padre Cícero para cometer um assassinato na Paraíba, mas eles não sabem o cenário de caos que se passa na cidade. Quando chegam ao destino, são obrigados a se valer das habilidades do cangaço para sobreviver à maldição.

Além dos jogos e da HQ, será lançado também folhetos de cordel contando a história de cada personagem da série.

Quanto ao filme de animação da série *Sertão Encarnado*, o longa foi contemplado com R\$ 675 mil no edital de audiovisual do Fundo Cultural de Pernambuco. “Os recursos serão investidos exclusivamente no filme”, garantiu Rodrigo Motta, cujo parceiro, Kleyner Arley, também é paraibano, mas reside em Pernambuco,

Imagem: Divulgação



Além da HQ com 100 páginas, serão publicados cordéis com os personagens

onde a produção será desenvolvida por uma produtora e dirigido pelo cineasta Marcos Carvalho. A maior parte da equipe é composta por profissionais de ambos os estados e a previsão de lançamento está marcada para 2023. A ideia de produzir a série surgiu há 10 anos, durante uma conversa entre Motta e Arley, como resultado do apreço de ambos pela pesquisa e tema.



Imagem: Divulgação

Na trama em comum, cangaceiros do bando de Lampião são contratados pelo Padre Cícero para cometer um assassinato na Paraíba, em meio a um apocalipse de mortos-vivos

+ Animação em longa-metragem terá trilha sonora da Cabruêra

“A banda Cabruêra vai ter a liberdade para criar as músicas e, obviamente, eles vão estar trabalhando junto com a narrativa. Então, eles vão criar um álbum específico para esse projeto do longa de animação e se chamará, provavelmente, *Sertão Encarnado* também”, disse Rodrigo Motta.

Integrante da Cabruêra, Artur Pessoa reforçou que a trilha será composta especialmente para o longa. “Vai ser um processo desenvolvido paralelamente à feitura do próprio filme. A gente vai assistindo e debatendo junto as ideias e fazendo as composições a partir do momento em que as cenas, as imagens estiverem editadas”, disse o músico, que acredita que a trilha também possa vir a ser usada para o videogame.

me. “Rodrigo Motta informou que ainda não se decidiu a respeito do uso da trilha nos videogames. Mas é bem possível”, admitiu.

Além de todos os integrantes da Cabruêra jogarem games, principalmente o baterista, Artur Pessoa lembrou que a banda já fez trilhas sonoras para esse tipo de produto. “Acho que as linguagens da música, do cinema e do videogame se complementam. Numa banda, é preciso que seja feito um clipe e esse clipe é feito por um cineasta. Um cineasta faz um filme e precisa que seja feita a trilha, que é feita pelos músicos. Então, você precisa do diretor de fotografia, de quem grava o áudio, da edição, da pós-edição, da finalização, a pessoa que faz o design do cartaz, que é o artista gráfico.

Então, dentro dessa cadeia produtiva do audiovisual, você tem várias áreas que se complementam e se beneficiam entre si”.

Para o músico, independente do fim, tudo é composição. “São formatos diferentes, talvez metodologias de criação e pro-

cessos criativos diferentes, mas, na verdade, são todos processos de criação, de invenção”, disse Artur Pessoa. “O que existe, às vezes, é uma linha que é pedida pelo próprio diretor. Nós fizemos a trilha sonora do longa *Utopia e Barbárie*, do Sílvio Tandler. Ele

esteve com a gente dois dias em João Pessoa conversando e assistindo as imagens brutas para pensar e ele dando as sugestões. Então, é um processo feito em parceria entre quem faz o filme e quem faz a trilha sonora”, comentou o artista.

Foto: Augusto Pessoa/Divulgação



Foto: Divulgação



Da esq. para dir.: Cabruêra terá liberdade para criar as melodias; os criadores do projeto, Rodrigo Motta (E) e Kleyner Arley (D)

A organização das Testemunhas de Jeová

O sistema administrativo da Igreja obedece a princípios horizontais de distribuição de poder. Os anciãos são os responsáveis pelas congregações, ou seja, pelas células da Igreja espalhadas no planeta com mais de oito milhões de pessoas. Eles equivalem aos padres na Igreja Católica e aos pastores protestantes. Os anciãos fazem os batizados, cuidam dos negócios relativos à manutenção da congregação (água, luz, etc.), coordenam as atividades ministeriais e o trabalho de pregação domiciliar. A atividade não é remunerada. Detêm também a autoridade de promover algum membro à condição de servo ministerial, posição hierarquicamente inferior à sua.

Não se admite mulheres no mistério, mas se por alguma contingência faltarem homens numa reunião congregacional, é permitido que as mulheres ordenem, porém, com a obrigação de usar um lenço sobre a cabeça, em sinal de respeito à autoridade masculina. As mulheres devem completa submissão aos homens.

Os servos ministeriais e os anciãos representam os primeiros graus na hierarquia da Igreja. Seus superiores imediatos são os superintendentes de circuito que ficam responsáveis por um conjunto de 20 congregações – por supervisioná-las pessoalmente a cada semestre. Logo acima na hierarquia vêm os superintendentes de distrito. Um distrito equivale a 20 circuitos. Suas visitas às congregações também são semestrais.

Quem de fato comanda a Igreja é o Corpo Governante. Um comitê central executivo responsável pelas deliberações mais importantes. É formado atualmente por oito homens, todos se dizem ungidos. Por analogia, seria algo parecido a um politburo ou casta superior, responsável pela redação das publicações, as interpretações oficiais da Bíblia, por tomadas de posição em caso de perseguição política e pelo controle jurídico e econômico da Instituição.

O conceito de Corpo Governante vem variando historicamente e sua estrutura já foi distinta da atual. Antes o número de membros era maior. Em 1944 ficou decidido que deveria ter entre 300 e 500 membros. Para isso, foi preciso uma revisão do estatuto da Organização. A nova concepção de Corpo Governante é mais centralizadora que as antigas, pois além de reduzir substancialmente o contingente de membros, estabelece a validade indeterminada dos cargos e um critério transcendental para ocupá-lo: a unção.

Qualquer revisão doutrinária só pode ocorrer se aprovada por uma maioria de 2/3 dos membros do Corpo Governante, que não atribui aos seus escritos à condição de textos inspirados por Deus, como fazem com a Bíblia. Argumentam que suas interpretações se aproximam gradualmente da verdade. Assim conseguem explicar o fracasso de algumas de suas profecias escatológicas. Dizem que através do erro chegariam a um entendimento superior da verdade. Qualquer lapso futuro, desse modo, acabará perdoado.

As Testemunhas de Jeová possui um dos maiores parques gráficos do mundo. Suas publicações são traduzidas para mais de 200 idiomas. É também característica distintiva da religião um incansável serviço de pregação. Todos os membros batizados são obrigados a participar. O serviço de campo é controlado. Cada pregador precisa prestar contas mensais de quantas horas gastou com atividades de pregação. As jornadas de trabalho e as atribuições variam segundo posição de cada membro na organização e não são remuneradas.

Com a pandemia, o serviço de campo teve que ser “reinventado”. Desde março, as Testemunhas de Jeová suspenderam a pregação de casa em casa. Elas começaram a usar meios digitais, como redes sociais, web conferências, etc.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O retrato de Cecília

Nem toda palavra sobra e a que sobra, não emplaca. Só não gosto das palavras agressivas. Palavras tenho para sempre e sempre outras palavras. Nunca tenho palavras para deixar uma pessoa triste.

Queria ter ficado com as palavras dos meninos: gente que diz muitos nomes para as coisas, mas as coisas não têm nome. Como se coisas, lugares e sentimentos tivessem um nome desde sempre. Puro engano. Este nome absoluto, esta palavra que busco. Outras vezes, bastaria saber meu nome, o nome que sou, para compreender o nome das pessoas: Francisco, Tônico, Clarice, Cecília, Maria, Dudu e Mina, a gata de Fátima.

Vaidade, crueldade, egoísmo, inveja, não estão na minha lista.

Quando os olhos nem bem fechados nem abertos ou mesmo fechados quando abertos, para presenciar cenas que estão longe de um bom dia. Fique em paz, são três palavras sem rima.

Sobre a confusão das palavras, entre o espanto, a indiferença e a piedade dessa gente careta e covarde, uma música desprende-se de um som para mim. Sim, já era tarde. São canções antigas, daquelas que meu pai assobiava e abrem brechas em ouvidos sensíveis, para que dali possa sair um pedido da compaixão, ou então algo distante, para que os novos se deixem tentar pela curiosidade de ouvir galos noites e quintais de Belchior, na voz de um cego. Um cena sem palavras.

A pandemia enlouqueceu muita gente, eu entendo. Uma vizinha ainda chora a saudade da irmã Penha, na televisão a rotina do vírus, ao telefone uma amiga disse que eu só gosto de quem não gosta de mim. Silêncio. Eu não sou ninguém, diante da dor. Como posso gostar de quem não gosta de mim? Ai seria uma “sofrença” eterna.

Tal pessoa no avesso dos contos de Baudelaire que nunca li em voz alta, leio, releio uma oração e nunca mais cantei boemia, aqui me tens de regresso. Faço o que não posso e sou sozinho quando já é noite para me sentir vivo e procuro o livro na cabeceira, cujos versos de Cecília Meireles me retratam. “Eu não tinha este rosto de hoje/Assim calmo, assim triste, assim magro/Nem estes olhos tão vazios/ Nem o lábio amargo/Eu não tinha estas mãos sem força/Tão paradas e frias e mortas; Eu não tinha este coração/ Que nem se mostra”

O poema melancólico de Cecília se propõe a fazer um retrato do sujeito poético, que não sou eu. Costumamos associar um retrato a algo que registra uma época, não um selfie ou nos stories, mas uma moldura - a imagem que fala.

Enquanto nos versos de Cecília o retrato é muito profundo e capaz de captar aquilo que se passa internamente, muitas palavras acordam em mim.

É preciso pensar antes de dizer ou dizer mesmo, para que saia do pensamento o que perturba. Se já me deu o pão e o vinho, não faça de conta que eu sou seu cão, seu guia fiel.

Enquanto imprimo palavras no computador, a mente oscila e o pensamento vem misturar-se com os passos apressados de quem vai e não volta, no grito impiedoso dos homens, o barulho metálico de alguma moeda, sempre a moeda jogada para um mendigo.

Aguardo por uma sala de concertos, um palco com artistas, que cantem ou dançam seus retratos. Aplaudir já é uma palavra boa. É do palco das palavras de Cecília, que vem uma luz que reflete no velho K. Eu sou ninguém.

Kpetadas

1 - Na percepção dos sortudos, o azar não existe. Na dos azarados, só existe o azar. Azar é uma palavra feia.

2 - Me parece na pandemia cresceu o índice de leitura no país. Já é um começo, tomara que além do índice leiam o livro todo.

3 -Som na caixa: “Se me der um beijo, eu gosto/Se me der um tapa/ eu brigo/Se me der um grito, não calo/ Se mandar calar, mais eu falo”, de Gonzaguinha

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Estilos de vida e individualidade

A coluna Estética e Existência convidou o Prof. Dr. Mauro Koury a apresentar a segunda edição do livro de sua autoria, Estilos de vida e individualidade: Escritos em Antropologia e Sociologia das Emoções (Appris, 290 páginas)

Dr. Mauro Koury

As emoções nas ciências sociais e, especificamente, na antropologia e na sociologia podem ser definidas como uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a outros e causado pela interação com os outros em um contexto e situação social e cultural determinados. A antropologia e a sociologia das emoções, vistas como áreas de interesse em intenso compartilhamento e debates, desse modo, partem do princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por uma pessoa, são produtos relacionais entre os indivíduos, a cultura e sociedade da qual faz parte. Em suas fundamentações analíticas vão além do que uma pessoa determinada sente em certas circunstâncias ou com relação às histórias de vida estritamente pessoal.

As preocupações que orientam os debates no interior desses campos disciplinares que relacionam emoções, cultura e sociabilidade, portanto, se dirigem aos fatores culturais e sociais que influenciam a esfera emocional, como elas interagem entre si, como se conformam e até onde vai a influência e a reciprocidade entre elas. Este livro, que agora chega a sua 2ª edição, se coloca no interior dessas preocupações.

O eixo central em que se organiza procura compreender, apresentar e discutir os modos e estilos de vida emergentes e a problemática da individualidade na modernidade brasileira e ocidental. Seus escritos tratam de aspectos teórico-metodológicos importantes para a antropologia e a sociologia das emoções, como as problemáticas da individualidade, da amizade, do amor, da paixão, da saudade, do gênero, do envelhecer, dos medos, da violência urbana, da fotografia como interações sociais e culturais tensas e densas no embate entre emoções, cultura e sociabilidades e nos processos de configuração sempre tênues de modos e estilos de vida grupal e individual na contemporaneidade. Tão bem como em símbolos e objetos que permitem a compreensão da tecedura da memória sociocultural e



Professor Dr. Mauro Koury com a sua neta Maria

individual dos indivíduos envolvidos em tramas interacionais, e que dão sentidos às ações humanas, nas três esferas – social, cultural e individual, – no interior de uma cultura emotiva. Assim como aos embates, sempre tensos e delicados, e, às vezes, diminutos e imperceptíveis, mas que remontam a cada momento às lógicas instituídas dos espaços e lugares societários e culturais, por meio das ações e relações cotidianas.

Este livro trata das relações entre a cultura subjetiva e a cultura objetiva na composição da individualidade, da cultura e da sociabilidade em uma conformação sociocultural específica. Relações estas discutidas e analisadas a partir das questões teórico-metodológicas da análise simmeliana, e das proposições analíticas presentes em autores, tais como Marcel Mauss, Gabriel Tarde, George Mead, Erving Goffman, Howard Becker, Norbert Elias, Richard Sennett, Anthony Giddens, Gilberto Velho e outros mais que trabalham com a questão da modernidade e das relações tensivas entre indivíduos, cultura e sociedade.

As reflexões nele presentes têm como universo compreensivo a realidade brasileira contemporânea, e sua inserção densa na cultura e nas formas de sociabilidade ocidentais. Baseia-se em estudos e pesquisas realizados nos Grupos de Estudo e Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções e Interdisciplinar em Imagem, o Grem-Grei, sob coordenação do autor. São escritos que buscam compreender as mudanças comportamentais

do brasileiro e traçar um perfil do Brasil urbano contemporâneo para o entendimento do processo recente do individualismo que toma conta das relações sociais no país nos últimos cinquenta anos.

Os capítulos contidos neste livro procuram compreender o processo de modernização conservadora iniciado com o golpe militar de 1964. Atenta-se para a verticalidade e para a aceleração das mudanças de hábitos, estilos de vida e comportamentos experimentados no processo de modernidade e de individualização no país, e a ambivalência e o sofrimento social e individual delas resultante.

Esta segunda edição é composta por 13 capítulos. Os seus estudos oferecem, no conjunto, uma reflexão sobre a emergência da categoria analítica emoções na antropologia e na sociologia. No interior desse núcleo básico, se debruça sobre estilos e modos de vida, sobre o medo como uma emoção basilar e sobre o equilíbrio frágil nas relações tensas e ambivalentes entre indivíduo, cultura e sociabilidades na sociedade brasileira contemporânea. Estes grandes temas são, por fim, refletidos a partir de temáticas ligadas ao papel da fotografia na qualificação e compreensão do sentimento amoroso, e às questões sobre o envelhecer, a propósito do gênero masculino, e a respeito dos motivos pelo qual se tem amigos, e as consequências trazidas pelo aumento da individualidade em uma sociabilidade em rápida transição como a brasileira atual.

Sobre o Autor - Mauro Guilherme Pinheiro Koury é professor voluntário do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, Campus I. Coordena, na mesma universidade, os Grupos de Estudo e Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções, e Interdisciplinar em Imagens (Grem-Grei). É editor da coleção de livros *Cadernos do Grem*, e das revistas acadêmicas *RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção e Sociabilidades Urbanas*, *Revista de Antropologia e Sociologia*. A produção acadêmica do Grem-Grei pode ser consultada no site: www.grem-grei.org.

Sinta-se convidado para a audição do 294 Domingo Sinfônico, deste dia 22, das 22h às 0h. Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Nesta edição vamos conhecer o nacionalismo de Villa-Lobos (1887-1959).

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador



Foto: Divulgação

Crítico de cinema paraibano João Batista de Brito conferindo o seu blog 'Imagens Amadas'

Um crítico, um sortilégio e uma versão para o cinema

Final de ano e a cidade toda em burburinho, com a natureza cobrindo de flores amarelas as árvores da Lagoa. Tocadas pela beleza do parque, famílias afluem ao local, cujo urbanismo houve de ser aprimorado recentemente pelo Poder Municipal. Caminhando pela cidade, um crítico de cinema pessoense – que acabara de postar pela Internet sua crônica sobre um certo “sortilégio” acontecido havia anos – segue rumo ao Parque Solon de Lucena.

Naquela mesma tarde, uma jovem e seu filho fazem parte da paisagem, sentados em um dos bancos às margens da serena Lagoa. A mulher consulta distraidamente o seu celular, fixando-se então no blog *Imagens Amadas*, segredando sobre a magia nele contida. Agora, alegremente, o garoto brinca de arremessar pedrinhas sobre as águas do lago, fascinado com as ondas circulares que se formam a cada investida sua.

Aproximando-se de ambos, sem se fazer notar, o crítico de cinema para. O gesto lúdico daquela criança chama sua atenção. Tanto o garotinho como as concêntricas formas criadas por ele no espelho d’água, agora são imagens peculiares para o crítico, remetendo-o às reflexões prazerosas. Ainda parado, fotografa a cena com o seu Android. Ri discretamente, afastando-se do local, retomando sua caminhada ao Liceu Paraibano. Em sua mente, como relicário existencial, ficam as inocentes ondas circulares pela criança produzidas, que se fundem com o relógio da torre do Liceu, marcador de um tempo que já não mais existe...

Esse, em síntese, o epílogo da narrativa que deu vez ao novo audiovisual paraibano – outrora considerado deveras grave para a época, um inusitado episódio repercutiu na imprensa escrita e nas rádios de então, segundo um artigo publicado dezenas de anos depois no jornal A União. O acontecimento foi repudiado por

grande parcela da população de João Pessoa, que alegou ter sido obra de uma pessoa desequilibrada e tomada de um certo “sortilégio amoroso criminoso”; mais ainda, contra o Cinema, a mais adorada forma de diversão existente naqueles tempos, quando apenas o teatro lhe fazia frente.

Agora, a famigerada narrativa sobre o acontecimento no Cine Rex e suas supostas repercussões ganham contornos cibernéticos e contemporâneos. Além das redes sociais, o remoto episódio é hoje representado no média-metragem *Poltrona Rasgada*. Oportuna realização da empresa paraibana AS Produções de Cinema e Vídeo (ASProd), também responsável por dois outros audiovisuais que fazem parte da trilogia, em que a própria cidade de João Pessoa figura como real protagonista. Com grande elenco e ficha técnica, o audiovisual terá sua estreia ainda este ano. – Mais “coisas de cinema”, em nosso blog: www.alexasantos.com.br.



Lançamento de 'Poltrona Rasgada'

Integrantes da Academia Paraibana de Cinema (APC) promoveram neste final de semana, pela manhã, uma apresentação do novo audiovisual em média-metragem intitulado *Poltrona Rasgada*. Uma realização da ASProd - Cinema e Vídeo, com participação de vários membros da APC. A sessão aconteceu em sala especial de projeção do Cine Mirabeau, no bairro do Bessa, na capital paraibana.

Todo gravado em João Pessoa, a história se baseia em fato acontecido em um dos cinemas do Centro da Cidade, no final dos anos 1950. Sua estreia oficial está prevista para o próximo mês, na forma de streaming, com possibilidades de lançamento aberto ao grande público durante próximo Fest Aruanda.

'Mês da Consciência Negra'

'Hip Hop Grita!' é encerrado hoje

Parceria entre a Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) com a Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer (Sejel) neste domingo marca o encerramento do evento 'Hip Hop Grita!'. A ação, que se integra à programação estadual pelo 'Mês da Consciência Negra', tem como objetivo a resistência por meio da cultura. As atividades tiveram início na última sexta (20), e resultam em quase sete horas de programação diária nos três dias, começando às 10h e terminando às 19h40.

Parte da programação gratuita é transmitida pelo canal oficial da Funesc no YouTube ([/funescpbgov](https://www.youtube.com/funescpbgov)) e as entrevistas são realizadas por meio de lives no Instagram, direto dos perfis dos organizadores e artistas.

A programação do último dia começa às 10h, com a oficina de MC, ministrada por KL. Em seguida, às 14h, haverá uma oficina de break, com Bgirl Pac. Terminando as oficinas do evento, a partir das 17h Jéssica Preta vai conduzir a de poesia.

Já no Instagram, o bate-papo fica por conta do DJ Aly (@dj.aly), mediado por Violentamente (@violentamente). O tema será sobre o universo dos profissionais da música eletrônica, os Disc Jockeys (DJs).

Por fim, no canal do YouTube, às 19h, terá a apresentação de MC Hirila.



Foto: Divulgação

Bate-papo será com o DJ Aly sobre o universo dos profissionais da música eletrônica na Paraíba

'Hip Hop Grita!' dá continuidade às ações de enfrentamento à violência diária imposta ao movimento paraibano. Faz parte de uma série de atividades surgidas através da organização da articulação LUTA, que é formada por pessoas de diferentes elementos do hip hop de João Pessoa, que colocam em prática ações políticas, culturais e de segurança em prol do fortalecimento do cenário no Estado.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial da Funesc no YouTube

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

Lugares e circunstâncias

Lá na Comarca das Pedras, despertei de um sono sem sonhos, para assistir ao pesadelo da noite que devassava o silêncio nos campos calcinados. Pensei na Pedra do Sino, no Serrote da Torre, na estrada estragada que abocanha os vazios do mundo para desaguar à beira do magro Paraíba, quase seco em seu rude destino temporário. O rio da minha vida!

Certa feita, em plena tarde, diante do Açude Velho, na indômita cidade de Campina Grande, vi uma criatura se atirar nas águas escuras, afundar e desaparecer. Creio que para sempre. Matutei naquele destino que se dispersava, indiferente às ofertas da vida. Campina está cravada no meio da Serra. Seus ventos são tristes, sua neblina transmite a beleza, e dentro da beleza, os indecifráveis aclives do trágico. Também amo esta cidade!

Um outro dia, áspera manhã de sol, na praia de Lucena, dei com um jovem casal a nadar as ondas, um ser por dentro do outro, como estranhos peixes afogados pela liquidez da volúpia. Peguei dos versos de amor de Américo Falcão para celebrar a verdade da natureza, o rito milenar dos corpos puros e acesos pelo desejo sagrado e pelo sal bíblico da vida. Lucena, praia abençoada pelas metáforas de um poeta!

Ouvi também a 'Ave Maria', de Charles Gounod, bebendo uísque no extinto Parahyba Café. Já do Hotel Globo mirava o pôr do sol sobre o cinza prateado das águas do Sanhauá. A cidade baixa parecia paralisada pelo clamor invisível da sinestesia cósmica. Fosse Jomar Morais Souto teria nas mãos outro itinerário lírico da velha Philipeia de Nossa Senhora das Neves. Mas não sou e meus versos passeiam por outra paisagem. Mas nem por isto deixei de aspirar o odor imaculado da aquarela natural. Daquele instante único, físico e metafísico. João Pessoa ainda não é um retrato na parede!

Em Pombal apreciei o teatro de Luizinho, construído no quintal de sua casa; selecionei seixos na areia do rio para enriquecer minha coleção de pedras; fui iluminado pela loucura de Parrela, e Cabeção me encheu a pança de estórias pitorescas de Creuza e de Biino, bêbado e puta inesquecíveis! Infelizmente, outro dia, voltei lá, com o poetinha Ed Porto, para velar o corpo de Gilberto Lucena, amigo do peito, que se foi muito rápido para as terras de ninguém, engolido pelo mistério da morte. Mas, nem morrer é remédio!

Em outra ocasião, flanando pelas ruas de Seretânia, interior de Pernambuco, em meio à feira livre, num dia de sábado, vi-me enfeitado pelo talismã da beleza de toda mulher que cruzava o meu caminho, como personagens encantadas do realismo mágico, saídas das páginas de um Gabriel García Márquez, naquela Macondo poeirenta e ensolarada. O fato é real e surpreendente como os efeitos corporais e alquímicos causados pelos melhores poemas que lemos e guardamos na memória. Sem memória não se vive!

Em São Paulo, depois dos seminários das quintas à noite, saía do Largo de São Francisco, para dugustar vinho quente com talharim na Cantina do Orvietto, logo no início da Consolação, e discutir direito e literatura com Clarinha, enquanto a madrugada se estendia pelo gelo das horas, e a metrópole espumava seus tremores noturnos desenhando um novo dia. São Paulo sempre me pareceu o sumário do mundo!

Em Paris, numa fria manhã de domingo, antes de visitar a Catedral de Notre-Dame, fui atraído por uma feira de passarinhos nas imediações do adro da igreja secular. Antes de me abismar com a beleza medieval dos vitrais e das colunas sagradas, retive o sabor da plumagem multicolorida de espécies raras e desconhecidas, lembrando, é claro, da poesia tropical e orgânica da feira de troca em Oitizeiro. Paris é diferente de todas as cidades, mas o homem é sempre o mesmo, não importam os lugares e as circunstâncias. O homem é sempre o mesmo, com suas paixões inúteis!



Foto: Divulgação

"Uma feira de passarinhos nas imediações do adro da igreja secular"

Treze enfrenta a Jacuipense para fugir do rebaixamento

Esse é o jogo mais importante do Galo nesta Série C, e um tropeço pode levar o clube de volta à Série D

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Após duas rodadas sem vencer, incluindo o empate dentro de casa contra o Manaus, o Treze está de volta à zona de rebaixamento da Série C do Campeonato Brasileiro. Com 17 pontos somados em 15 rodadas e faltando apenas três para o encerramento da competição, o Galo enfrenta hoje às 20h a equipe da Jacuipense no Estádio Pituçu, em Salvador. O adversário de logo mais é o primeiro fora do Z2 e acumula um ponto a mais que o time paraibano que precisa vencer hoje para voltar a depender apenas de si na briga pela permanência na divisão.

Com um começo terrível na competição onde o time só somou seu primeiro ponto na quinta rodada e só venceu sua primeira partida na oitava partida que fez na disputa, o Treze não acumulou

pontuação suficiente para ter um fim de disputa tranquilo e agora precisará correr atrás do resultado fora de casa para não se complicar ainda mais na disputa nacional. Além de todo esse cenário complexo dentro de campo, o Galo ainda convive com sérios problemas financeiros que tem resultado em ao menos dois meses de salários atrasados e condições de trabalho não condizentes com o patamar que o clube se encontra.

Mesmo diante de todos esses desafios, o goleiro Andrey, um dos destaques da equipe no brasileirão, se mostrou confiante na obtenção de um bom resultado para o Treze no jogo de hoje. Segundo ele, a equipe está preparada para a atmosfera de tensão que irá existir na partida e o elenco tem qualidade para dar a volta por cima e buscar os três pontos, fora de casa, para que nas duas últimas rodadas a

equipe possa ter mais tranquilidade em seus jogos.

“A gente sabe da importância desse jogo e nós estamos mentalmente preparados para esse clima decisivo. A situação hoje é complicada muito pelo que não foi produzido no começo da competição, mas a equipe agora sabe que precisa ter o espírito decisivo nesse domingo para ir em busca desses três pontos para que possamos sair e nos afastar da zona da degola. Nosso elenco, além da qualidade, também é muito unido, se não fossemos assim, diante das dificuldades e das condições precárias que estão sendo oferecidas, estaríamos numa situação pior, mas tenho certeza que vamos sair dessa situação e o Treze no ano que vem poderá viver um outro momento com o retorno das receitas e o fortalecimento do clube”, explicou.



Mesmo com salários atrasados e outras dificuldades, os jogadores do Galo prometem lutar muito para evitar o rebaixamento do clube

Expectativa

Botafogo aguarda resultados da rodada para definir qual estratégia vai utilizar contra o Remo

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

A paz voltou a reinar no Botafogo depois de meses conturbados dentro e fora de campo. O time retomou o caminho das vitórias e conseguiu sair da zona de rebaixamento, dependendo agora apenas de si para confirmar a permanência na Série C. Contudo, esse cenário ainda é frágil para o Belo que terá um compromisso fundamental amanhã contra o Remo-PA, jogando no Estádio Almeidão, às 20h, pela 16ª rodada da terceira divisão. O embate será contra o vice-líder do campeonato que buscará no jogo confirmar a sua classificação antecipada para a próxima fase.

Se por um lado a confiança retornou para o clu-

be, a distância para a zona de rebaixamento segue muito preocupante e uma derrota para o Remo pode mudar esse cenário, pois o

Belo está apenas um ponto na frente do Treze que com 17 pontos seria rebaixado caso a competição terminasse hoje. Por outro lado, uma

vitória levará a equipe aos 21 pontos - somatório que jamais rebaixou uma equipe no atual modelo de disputa da Série C - e afastará o time

da zona da degola, podendo também recolocar o Botafogo na disputa por uma classificação.

O histórico de confrontos entre as equipes prenuncia mais um jogo equilibrado, pois até hoje, foram 11 confrontos oficiais entre Botafogo e Remo com três vitórias para cada lado e cinco empates. No primeiro jogo disputado esse ano, o placar terminou empatado em 0 a 0 e, de acordo com Evaristo Piza, técnico do time paraibano, o Belo precisará confirmar a boa fase para afastar de vez a pressão contra o rebaixamento e manter o clima positivo que predominou na Maravilha do Contorno ao longo das últimas semanas.

“Esse é um grupo que estava precisando de um se-

quência boa e fizeram isso com duas vitórias em dois jogos onde o time fez duas ótimas exibições. Agora é continuar com esse trabalho que tem buscado resgatar a confiança desses jogadores e agregando no conjunto. Mudamos uma ou outra situação no desenho tático e o grupo está acreditando nesse trabalho e quando isso ocorre as coisas fluem. No entanto, não podemos perder a concentração, pois qualquer resultado negativo pode nos recolocar na situação que estávamos duas rodadas atrás. A tranquilidade efetiva para nós só virá quando confirmarmos a nossa manutenção, até lá, para valer o que fizemos temos que fazer esse resultado dentro de casa contra o Remo”, afirmou.



Após 2 vitórias seguidas, os jogadores do Belo acreditam em outro resultado positivo e ainda sonham com o G4

Atlético quer voltar a vencer e embalar na Série D

Stefano Wanderley
Repórter

Pela 13ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série D 2020, hoje à tarde, o Atlético enfrenta a equipe do Salgueiro, de Pernambuco, no estádio Perpetônio, em Cajazeiras. A partida terá início às 16h e o Trovão estará desfalcado de duas importantes peças no esquema tático do treinador Celso Teixeira. Uma das ausências é o volante Peu, que recentemente se submeteu a uma cirurgia e está fora da competição por não haver mais tempo hábil para a recuperação ainda este ano

e a outra é o zagueiro Egon, capitão da equipe, que cumprirá a suspensão automática. O substituto de Egon será Jefferson, de acordo com os treinamentos que ocorrem durante toda a semana e o nome para substituir Peu só sairá momentos antes da partida.

E apesar dos dois desfalques, o representante paraibano na quarta divisão nacional, está motivado, sobretudo pelo retorno do meio campista Patrick, que não esteve em campo na última partida em que o time empatou em casa com o Floresta-PE e deixou escapar a chance dos três pon-

tos, que o deixaria na zona de classificação. Companheiro de Patrick no meio campo, Iranildo afirmou que o jogo será difícil, mas respeitando o Salgueiro-PE, em casa, há uma boa expectativa. “A expectativa é a melhor possível, mas a gente estará em casa, no nosso domínio, e respeitando a equipe adversária, sabendo das qualidades que tem e já estão classificados. Mas aqui em casa temos de dar o nosso melhor em busca de um único resultado, que é a vitória”, disse.

A equipe do Atlético tem 13 pontos na tabela do grupo 3 e nesta série D,

com 12 jogos disputados, conseguiu quatro vitórias, sete derrotas e apenas um empate. “Agora não tem mais o que pensar, pois é vencer ou vencer para tentar na última rodada, no Rio Grande do Norte, contra o Globo, buscar a classificação que tanto essa torcida e a cidade de Cajazeiras merece. Os jogadores estão cientes do empenho que precisam porque é um momento mais do que decisivo e para ter a chance da classificação é preciso vencer o Salgueiro, respeitando sempre o adversário”, destacou o técnico Celso Teixeira.



Jogadores do Atlético estão conscientes que hoje só a vitória interessa

Diversidade

Edição: Nara Valusca | Editoração: Paulo Sérgio



João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 22 de novembro de 2020 | A UNIÃO 13

Sob ação do mar e do homem, falésias representam perigo

Acidente na praia de Pipa (RN) reacende debate sobre importância de ações preventivas no litoral paraibano

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A morte de uma família vítima de deslizamento de uma barreira na Praia de Pipa (RN) trouxe à tona questões sobre os riscos de desabamentos nas falésias da Paraíba. De acordo com especialistas, com o processo de erosão frequente nesses locais, há perigo iminente de fatos semelhantes ocorrerem na orla paraibana.

O geógrafo Williams Guimarães, presidente do Grupo Amigos da Barreira (GAB), afirmou que falésias vivas, ou seja, aquelas que têm contato direto com o mar, estão susceptíveis a constantes erosões. Um desses exemplos são a Barreira do Cabo Branco e a Falésia de Gramame. "O risco de acidentes nessas áreas é iminente", alertou Williams, que também é mestre em Geodinâmica e Geofísica.

Segundo ele, a degradação vista nesses paredões está associada à atividade do oceano, mas também sofre outras influências, inclusive a ação humana, que potencializa o desgaste natural. Outros motivadores deste processo de

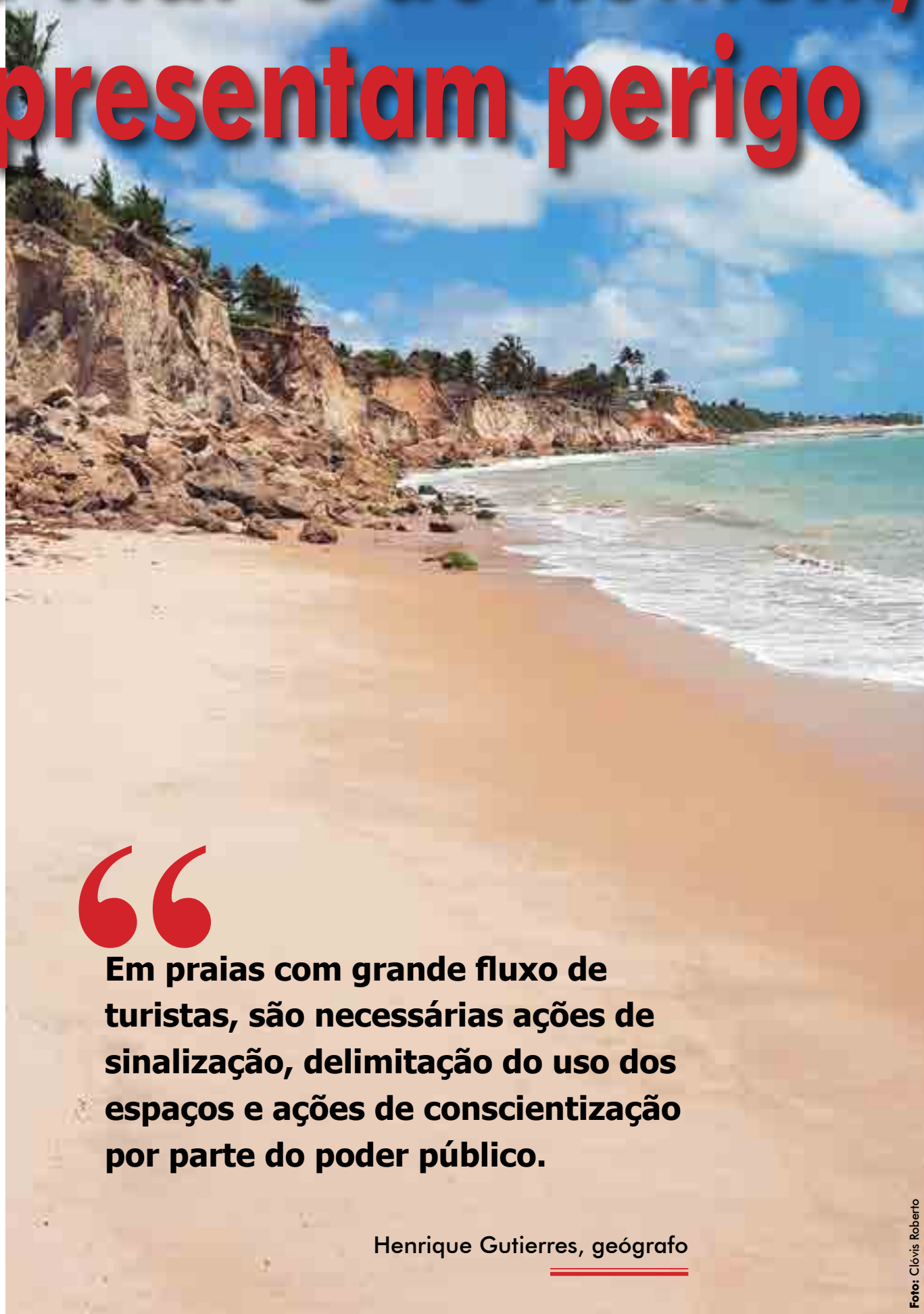
deslizamento que devem ser considerados estão os reflexos erosivos da parte continental, ocasionados por infiltração da água no solo sedimentar que formam as barreiras; a retirada da vegetação no entorno da falésia; a impermeabilização do solo, entre outros fatores.

Williams Guimarães aponta a área próxima ao Farol e o mirante do Cabo Branco como um dos pontos de maior incidência de deslizamento da falésia, além do trecho da subida da rodovia que dá acesso ao topo da barreira, rumo à Estação Ciência. Ele alerta que a população não deve ficar próximo desses locais, nem no topo, nem no sopé, porque podem ser vítimas de acidentes.

Acidente

A morte de três pessoas da mesma família na Praia de Pipa ocorreu na terça-feira (17). O casal Hugo Mendes Pereira, 32 anos, a esposa Stela Souza, 33, e o bebê Sol, de sete meses, foram soterrados após deslizamento de uma barreira. A família aproveitava o dia de folga para passear na orla.

▶▶▶ Continua



Em praias com grande fluxo de turistas, são necessárias ações de sinalização, delimitação do uso dos espaços e ações de conscientização por parte do poder público.

Henrique Gutierrez, geógrafo

Foto: Clóvis Roberto

Essas coisas

Carlos Aranha

c.aranha@yahoo.com | colaborador

O público europeu e o filme "Paraíba, meu amor"

O cineasta suíço Bernard Robert-Charrue - ciceroneado pelo casal de dançarinos de forró Rilávia Cardoso e Ajalmar Maia - fez em 2008 o documentário em longa-metragem "Paraíba, meu amor", até hoje exibido em emissoras de TV educativas da Europa. O título foi inspirado na canção homônima de Chico César.

O cineasta suíço registrou em imagens coloridas o inesperado encontro do acordeonista de jazz francês Richard Galliano, um dos maiores instrumentistas da Europa, com o saudoso sanfoneiro pernambucano Dominginhos (foto). O duelo entre o jazzista e o forrozeiro se deu no palco principal do Parque do Povo, em Campina Grande. O francês também acompanhou Chico César e contracenou com dois sanfoneiros paraibanos, Pinto do Acordeon e Aleijadinho de Pombal. Concluído o preito ao forró autêntico, o resultado foi apresentado com êxito em Karlsruhe, na Alemanha.

Com mais de 30 anos de carreira, mais de 100 países visitados e mais de 20 prêmios internacionais, Ber-



nard Robert-Charrue realizou inúmeros documentários para redes de TV mundiais, como BBC, Al Jazeera e Euronews. Ele tem um olhar aguçado e sensível para as principais questões de nosso tempo.

Extremamente apaixonado pelo forró, desde que o escutou pela primeira vez num bar da Suíça, tocado por brasileiros lá radicados, Robert-Charrue deu entrevista ao repórter Jamil Chade, afirmando não entender como o ritmo

nordestino não foi suficientemente descoberto pelo público europeu.

Desconhece o suíço - como outros artistas e jornalistas estrangeiros - que desde a década de 1950 algumas tentativas de introduzir o forró na Europa foram efetuadas por produtores musicais e selos importadores da música brasileira. Não deu certo. Com o reggae, deu. A explicação para isso não é complicada.

O chamado forró autêntico, que tem entre nós o nome de "pé-de-serra", é gostoso, é bacana para dançar, mas é harmonicamente pobre e melodicamente repetitivo.

Harmonia e melodia são elementos da maior exigência entre o público europeu, com ouvidos um tanto diferentes dos nordestinos brasileiros.

O forró é bem recebido na Europa num festival como o de Montreux,

quando interpretado por uma Elba Ramalho ou um Gilberto Gil, que dão um tratamento sofisticado ao gênero. Um forró com Elba ou Gil e suas bandas, ganham uma dimensão bem catalogada na chamada "world music".

Alguém pode dizer que não pode ser coerente o meu escrever porque o reggae, em geral, também é harmonicamente pobre e melodicamente repetitivo como os ritmos regionais nordestinos.

Vejam que o reggae tem a sofisticação de um espetáculo da "world music", principalmente quando usa metais e "backing vocals". Qualquer pessoa sensata sabe que não é o caso do forró.

Por que um músico genial como Sivuca conquistou grandes platéias na Europa? Porque Sivuca não limitou-se às "normas" do forró. Ele foi muito além, tocando em diversos gêneros.

Sivuca transformou-se num dos instrumentistas improvisadores mais sofisticados do mundo, como o acordeonista Richard Galliano.

Tem mais. Dominginhos não foi um sanfoneiro limitado a apresentar somente forró. Lembro bem Dominginhos genialmente integrando a banda de Gilberto Gil no show "Refazenda". Um arraso!



▶▶▶ Continuação

Foto: Marcus Antonius

População deve evitar ficar no topo ou no sopé de barreiras

Gestores públicos precisam priorizar segurança nesses locais, com uso de sinalização e campanhas educativas

Saiba Mais

“O Grupo Amigos da Barreira é uma Organização Não Governamental (ONG) que foi criada para lutar em benefício da preservação da Falésia do Cabo Branco. “Estamos nessa luta há quase 10 anos, buscando discutir soluções sustentáveis para preservar esse monumento, com a participação direta e indireta dos mais de 2,4 mil membros”, afirmou Williams Guimarães, presidente da ONG. Quem deseja conhecer a entidade basta visitar o facebook: Amigos da Barreira.

O geógrafo Henrique Gutierrez, coordenador do Laboratório de Planejamento e Gestão Ambiental (Laplag) do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), explicou que a erosão marinha nas falésias é mais forte nos locais em que o mar tem tido uma ação mais próxima desses paredões.

Por esta dinâmica ser frequente em muitas praias brasileiras, o grande problema é quando esse processo coloca em risco a população, causando até mortes, como ocorreu no caso da Praia de Pipa. Por isso, é necessário que a gestão pública fique atenta a medidas de segurança no entorno das falésias, e também que a população não se aproxime das áreas de risco.

“Em praias com grande fluxo de turistas, são necessárias ações de sinalização, delimitação do uso dos espaços e ações de conscientização por parte do poder público, principalmente, na questão desses movimentos de massa como deslizamen-

tos e queda de blocos rochosos”, frisou.

Segundo ele, o setor hoteleiro (hotéis, pousadas, resorts) e outros estabelecimentos relacionados ao trade turístico, a exemplo de bares, restaurantes e empresas de passeios de catamarã, também podem ajudar nessa ação de conscientização. Inclusive com a distribuição de material informativo com ilustrações sobre comportamentos de risco dos turistas nas áreas com a presença de falésias.

Falésias da Paraíba com processo erosivo mais intenso:

- Barreira do Cabo Branco
- Falésia de Gramame
- Falésias das praias do Conde, especialmente da Praia de Carapibus e trechos do litoral de Pitimbu

Desmatamento aumenta erosão

De acordo com Gutierrez, a população precisa desmistificar a ideia de que os deslizamentos de barreiras ocorrem nos períodos chuvosos. O cuidado deve ser tomado o ano inteiro. “Claro que a chuva é mais um elemento que deflagra e agrava o processo, mas nesse trecho do Litoral nordestino, outubro e novembro são os meses menos chuvosos do ano, e mesmo assim temos casos de deslizamentos em falésias”, destacou.

Entre as ações que poderiam minimizar a erosão das falésias, o geógrafo cita a realização de

um trabalho de drenagem, que permita direcionar melhor as águas da chuva (pluviais).

As obras da construção civil também deveriam obedecer o distanciamento em relação à borda da falésia, conforme estabelecido pela legislação ambiental. Outro ponto importante para se evitar o processo erosivo é não desmatar no entorno das barreiras. “Pois, a presença da vegetação permite uma ação erosiva de menor magnitude”.

Deslizamentos

Ele ressalta que é importante entender que, em muitos casos, a so-

cidade vai conviver com os deslizamentos, com maior ou menor intensidade, já que a abrasão marinha continua ocorrendo em muitas áreas. Em praias frequentadas, a exemplo de Pipa e Carapibus, Gutierrez reforça a importância da sinalização nos locais de risco.

Caso a gestão pública e a iniciativa privada não se mobilizem, o geógrafo afirma que acidentes como os de Pipa não irão cessar e, com o tempo, a erosão irá de encontro aos imóveis construídos próximos às barreiras, destruindo-os. Ainda haverá perda ou descaracterização de áreas de apelo turístico.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Academicismo rima com hebetismo

Em 2015, fundei a Academia de Cordel do Vale do Paraíba na cidade Itabaiana do Norte, com 40 poetas de gabinete, como são chamados os compositores de folhetos populares da literatura de cordel. Na linha de frente, também o compadre Sander Lee, o afronipônico das rimas, conforme rotulou o poeta Josafá de Orós. Eu e Sander Lee fazemos hoje nossa reconsideração.

Academia não é uma boa ideia para juntar confrades de um mesmo ofício. Essas instituições se tornam elitistas, um poço de vaidade intelectual onde as seleções nem sempre são justas. A proposta de Sander Lee é mudar o nome da entidade para União dos Poetas Repentistas, abrindo as portas democraticamente para quem queira organizar e dar força ao movimento do cordel, na defesa desse patrimônio cultural imaterial do Brasil. O debate está posto.

Na realidade, essas associações, as academias, já estão meio que avacalhadas, conforme nota meu compadre poeta

Francisco Diniz. Tem a Academia Militar das Agulhas Negras, tradicional escola formadora de oficiais das Forças Armadas. No portal Wikipédia, a informação de que o capitão Jair Bolsonaro e o general Mourão estão entre os ex-cadetes que se destacaram. Não entro no mérito desse realçamento para não politizar a conversa.

Mas, o caso é sobre as academias literárias. Elas pululam no Brasil. Tem para todos os gostos. Aviltou o conceito dessas instituições. “Uma academia é tão inútil quanto astrologia”, garante o despeitado Maciel Caju. Trata-se de uma entidade literária destinada a realçar a vaidade dos seus membros e distribuir medalhinhas a troco de repercussão na imprensa especialista na promoção de futilidades.

O técnico de futebol Vanderlei Luxemburgo e o jogador Ronaldinho Gaúcho receberam a Medalha Machado de Assis, honraria máxima da Academia Brasileira de Letras, deduzin-

do-se que o “gol de letra” anda mais apreciado do que as letras propriamente ditas na ABL.

Um nobre companheiro informa que agora é imortal da Academia Global de Letras. Essa academia é mais uma das inúmeras agremiações malucas, criadas por pessoas insanas. Tem até uma Academia de Letras da Humanidade. Qualquer um pode fundar uma academia de letras. Mesmo analfabeto. Basta fazer uma ata, registrar e pronto.

Fui ver a biografia de um desses desatrambelhados acadêmicos. Ele é presidente perpétuo da sua academia. Já falou com o Papa Bento, era muito amigo de João Figueiredo que o considerava um messias. O Papa garantiu que ele, o acadêmico biruta, mudou a história do Brasil. Criou Ordem Civil e Militar, ele mesmo se homenageando com diversas medalhas. Virou Cavaleiro Guardião da Cidade Santa. Por fim, fundou o Parlamento Mundial para a Paz, reconhecida pelo presidente Donald Trump.

Todo acadêmico de sua entidade ganha uma carteira de araque do Serviço Nacional de Informações. Na sua apresentação, ele garante que é o segundo homem mais importante na hierarquia mundial, depois de Bolsonaro, e todo aquele que entrar para sua academia se torna Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário, acreditado em todas as nações da terra.

O homem é um lunático, desses doídos que inventam mentiras absurdas sobre si mesmo e acreditam nas suas fantasias.

Respeito a determinação do meu amigo de entrar pra esse esquema, embora eu pessoalmente aconselharia a qualquer colega a não se identificar com esse saco de gatos de gente maluca e fascista. Mas, decisão pessoal não tem que se discutir.

Sim, hebetismo significa estupidez, imbecilidade. Algo assim como as teorias do “filósofo” Olavo de Carvalho, guru de Bolsonaro.

Você sabe o que significa responsabilidade afetiva?

Mentiras, traições e exposição do outro nas redes sociais: o que aprendemos sobre (falta de) empatia com alguns famosos

Camila Tuchlinski
Agência Estado

O divórcio ou separação anunciados por diversos casais de artistas brasileiros desde que a pandemia do novo coronavírus foi decretada, em 11 de março de 2020, chamou atenção de todos, sobretudo porque existia um senso comum de que jamais viveriam longe uns dos outros. Efeitos da felicidade e das juras de amor estampada nas redes sociais? É bem provável.

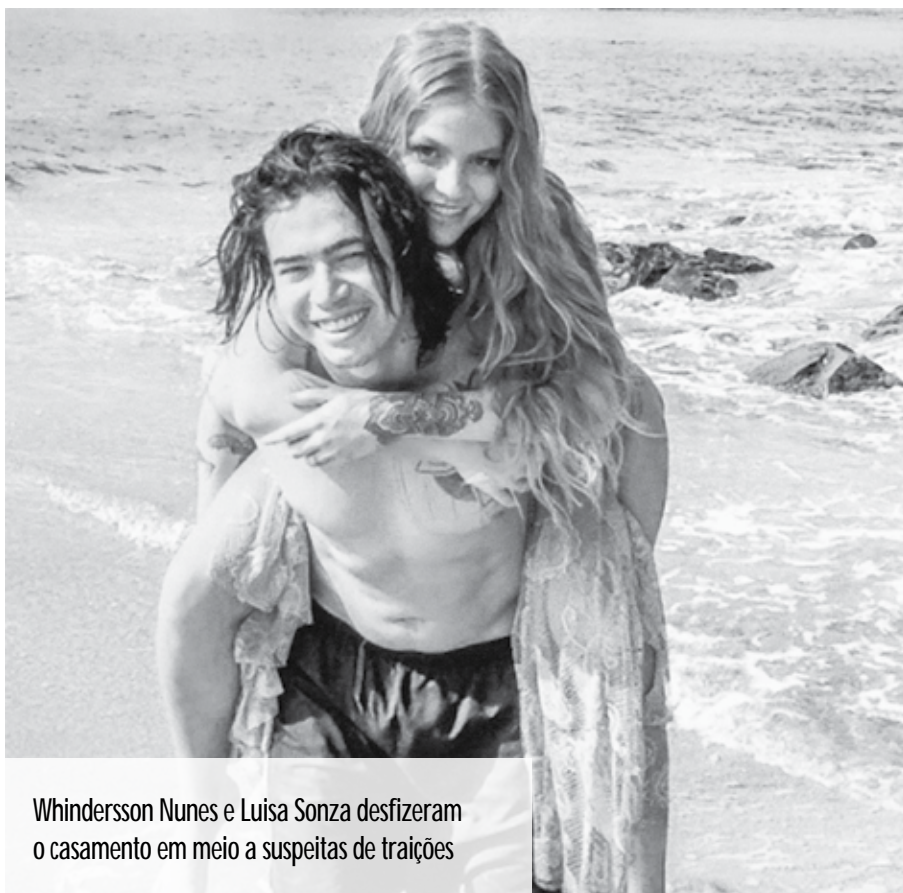
Nomes como Gustavo Lima, Andressa Suita, Whindersson Nunes, Luisa Sonza, Marília Mendonça e Mayra Cardi chamaram atenção por terminarem seus namoros ou casamentos na quarentena.

Junto com a polêmica que tais separações provocaram, surgiu um tema nunca antes abordado: a responsabilidade afetiva.

Nas redes sociais, não foi raro observar que as pessoas acabavam questionando uma das partes envolvidas sobre sentimento e o nível de afetividade dos casais.

No entanto, responsabilidade afetiva não é sobre reciprocidade, mas, de acordo com algumas pessoas, é questão de empatia.

Com a ajuda da terapeuta cognitiva Adriana Nunan, doutora em Psicologia Clínica pela PUC do Rio de Janeiro, elucidamos os principais questionamentos sobre o assunto e algumas peculiaridades de um relacionamento interpessoal.



Whindersson Nunes e Luisa Sonza desfilaram o casamento em meio a suspeitas de traições



Gustavo Lima e Andressa Suita discutiram o fim do relacionamento pelas redes sociais

Foto: Instagram/ Divulgação

ENTENDA MELHOR O ASSUNTO

• O que é

■ Responsabilidade afetiva é quando você se responsabiliza pelo sentimento e pelas expectativas que cria nos outros, independente da relação ser romântica ou não.

■ “Em termos mais amplos, significa comunicar-se de maneira direta e franca, respeitando acordos e não expondo o outro a situações desagradáveis ou constrangedoras”, afirma a psicóloga Adriana Nunan.

■ Perceber que a comunicação não está adequada no início e durante um relacionamento e ajustar a ‘linguagem do amor’ pode contribuir para que o namoro ou casamento seja saudável. Fazer combinados também é um bom caminho.

• Diferença entre responsabilidade afetiva e responsabilidade emocional

Aparentemente, os dois termos têm diferenças semânticas, mas a percepção é a mesma, na análise da doutora em Psicologia Adriana Nunan: “O termo

“responsabilidade emocional” é um equivalente e, apesar de ambos termos serem bastante utilizados atualmente, ainda não aparecem muito na literatura técnica”.

• Como reconhecer a falta da responsabilidade afetiva

A responsabilidade afetiva é primordial para qualquer relação, seja amorosa, de amizade, familiar, de trabalho. Ou seja, é importante em qualquer situação. Basicamente tem a ver com respeito pelo próximo e, sobretudo, com empatia, que é a capacidade de se colocar no lugar do outro.

“A falta de responsabilidade afetiva fica evidente em mentiras e traições (não apenas as sexuais, mas sim traições de toda ordem), comportamentos egoístas e abuso psicológico. Está muito relacionado com expor o outro a um sofrimento desnecessário, que poderia ter sido evitado caso o “irresponsável afetivamente” tivesse tido um mínimo de cuidado e

respeito”, explica a terapeuta cognitiva.

Quais situações pedem por responsabilidade afetiva Além de ter uma conversa franca com o companheiro ou companheira, manter uma constante comunicação e cumprir combinados, as pessoas em um relacionamento interpessoal precisam ficar atentas a outras normas sociais. A psicóloga Adriana Nunan dá um exemplo: “Um comportamento que tem aparecido muito nos consultórios de psicoterapia é expor o outro em grupos de família, por exemplo, ou contar detalhes da vida íntima do casal para amigos”, conta.

Como ter mais responsabilidade afetiva

É simples: basta não fazer com o outro o que não gostaria que fizessem com você, e tentar se colocar no lugar do outro.

“Caso não consiga fazer isso, converse, pergunte como o outro se sente. Você pode se surpreender com as respostas”, aconselha Adriana Nunan.

Vida saudável

Escolha de alimentos pode ajudar planeta

Camila Tuchlinski
Agência Estado

Um dos maiores problemas que assolam o mundo é o desperdício de alimentos. Uma pesquisa conduzida pela One Poll, para a Herbalife Nutrition nos Estados Unidos sobre dietas a base de plantas, mostrou que 40% das escolhas alimentares dos entrevistados são motivadas pelo interesse em ser mais ecologicamente correto.

O estudo ouviu dois mil americanos adultos, metade deles com filhos na fase escolar, de 23 de agosto a 3 de setembro de 2019.

Um dos resultados apontou que 71% deles estão dispostos a incorporar alimentos plant-based em suas refeições, mas parte significativa dos consumidores não fazem ideia dos ingredientes que compõem esse tipo de produto.

Mais da metade dos entrevistados, 53%, dizem que as carnes não são a maior parte de sua dieta e 23% afirmam que são

adeptos das dietas flexitarianas, ou seja, consomem carnes ocasionalmente.

Os millennials são mais propensos a se interessarem por alimentos plant-based e carnes vegetais. Reduzir o desperdício de alimentos é uma ação adicional e simples que pode ter um grande efeito, na visão da diretora Sênior Global de Educação e Treinamento em Nutrição da Herbalife Nutrition, Susan Bowerman.

ATITUDES QUE GERAM IMPACTO POSITIVO

1 - Planeje com antecedência o cardápio

Preparar refeições nutritivas para a semana ou planejar o menu do próximo encontro em família são ótimas maneiras de garantir que você prepare apenas a comida que irá consumir e evitar servir quantidades além do que seus convidados podem comer.

2 - Considere cozinhar com ingredientes mais sustentáveis

As pessoas estão buscando dietas baseadas em vegetais por muitas razões. Dentre elas: saúde, perda de peso e preocupação com o meio ambiente. Para aqueles que estão começando, um cardápio flexível, baseado principalmente em vegetais com a inclusão ocasional de carnes, aves, peixes ou ovos, pode ser um bom início e é uma ótima maneira de manter uma dieta saudável e equilibrada. Ao mesmo tempo, ajuda a proteger o meio ambiente, reduzindo a energia e os recursos que a produção da carne vermelha requer.

3 - Proporcione adequadamente o alimento em seu prato

Deixe as panelas sobre o fogão e se sirva na cozinha. Este simples hábito evita a sobra de alimentos no prato. Com tudo à mesa, é muito mais fácil colocar “apenas mais uma colherada”, que pode

acabar sobrando. Aliás, os restos deixados no prato são uma das maiores fontes de desperdício de alimentos que acabam no lixo. Adotando esse novo hábito, você controla melhor as porções que vai consumir.

4 - Reproveite os alimentos que estão prestes a estragar

Existem muitas maneiras de aproveitar os alimentos perecíveis, mesmo quando eles começam a parecer um pouco “tristes”. Quando seus tomates ficarem moles demais para serem usados na salada, considere transformá-los em molho caseiro. As bananas estão ficando marrons e moles? Descasque e congele para usar como ingrediente saudável para preparar deliciosos smoothies! Sopas, refogados e saladas também são ótimos pratos que podem incluir diferentes ingredientes com vida útil mais curta.

5 - Doe o excedente de alimentos para quem precisa

Quando for organizar a despensa, considere doar os alimentos não perecíveis extras para bancos de alimentos e instituições de caridade locais. E da próxima vez que for limpar a geladeira, o freezer ou armário, preste atenção no que você jogou fora e faça um esforço para reduzir o desperdício de alimentos no futuro.



Interesse em ser ecologicamente correto tem influenciado na escolha dos alimentos à mesa

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO
NACIONAL-IPHAN
SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN
NO ESTADO DA PARAÍBA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

AVISO DE LICITAÇÃO

Tomada de Preços nº 01/2020

A Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Estado da Paraíba torna público aos interessados, que realizará no dia 23 de dezembro de 2020, às 09 horas, em sua Sede, na Praça Anthonor Navarro, 23 – Varadouro – João Pessoa/PB – CEP: 58010-480, a sessão pública da Tomada de Preços nº 01/2020, Processo nº. 01408.000112/2020-01, objetivando a Contratação de empresa especializada para elaboração de serviço técnico especializado em arqueologia visando o cadastramento, recadastramento e georreferenciamento de sítios arqueológicos do Estado da Paraíba, conforme condições, quantidades e exigências estabelecidas neste Edital e seus anexos. O edital e seus anexos estão disponíveis para acesso e retirada, na Sede do IPHAN-PB, de segunda a sexta-feira, das 8h às 14h, ou através do endereço eletrônico: www.comprasnet.gov.br.

HYAGO COSTA CELANE
Superintendente do IPHAN na Paraíba

Aeromodelismo nas escolas ensina a ciência na prática

Projeto criado por estudantes de colégio estadual de Campina Grande ajuda a compreender Física, Química e Matemática

Renato Félix
Especial para A União

Um projeto surgido numa escola estadual tenta levantar voos ainda maiores. É o Projeto Asa Sagui, no qual um grupo de alunos desenvolve a ideia de usar o aeromodelismo como material de sala de aula e para o qual estão buscando investimento. Tudo a partir de um experimento criado para um evento escolar que aconteceu ano passado, em Campina Grande, na Escola Cidadã Integral Álvaro Gaudêncio de Queiroz, da rede estadual de ensino, que fica no bairro Malvinas.

“Construímos um aeromodelo para o festival de experimentos da escola”, conta Manoel Enzo Roberto, 16 anos, que está à frente do projeto com os colegas Giovanna Leticia, Kaio Câmara e Ian Fagner. O objetivo do evento era justamente de fazer os alunos levarem suas ideias para apresentarem na escola. “Eu, como aeromodelista desde os 8 anos, tive a ideia de trazer o aeromodelismo para a educação. E construí um aeromodelo”.

Com 8 anos, Enzo descobriu essa atividade, graças ao pai. “Meu pai me levou ao aeroclube aqui de Campina Grande”, recorda. “Lá eu vi aeromodelos profissionais e foi amor à primeira vista. Desde então, sou aeromodelista e hoje sou instrutor de voo de aeromodelos. E sempre tive essa ideia de unir aeromodelismo com educação”.

O adolescente acredita que, ao trabalhar com esses modelos, os alunos podem ver na prática os conceitos de matérias como Física, Química e Matemática – sempre pedras no sapato de muitos estudantes.

“Se a gente pegar a base da Engenharia Aeronáutica, pode ver que a Física, a Química e a Matemática são muito presentes. A gente quer fazer com que aqueles alunos que só veem esses assuntos no quadro, na teoria, tenham a oportunidade de conhecer



Foto: Divulgação

Grupo de alunos da Escola Cidadã Integral Álvaro Gaudêncio de Queiroz construiu o aeromodelo para o festival de experimentos

na prática esses mesmos conceitos num aeromodelo. Que teria um custo muito baixo e seria de grande ajuda para a educação. O aeromodelismo poderia ajudar a educação de uma forma totalmente inovadora. Na construção, foi impressionante perceber mesmo a física estufada na sala de aula aplicada no aeromodelo”.

O custo é um ponto importante do projeto, para a aposta em sua viabilização. A experiência do ano passado reduziu significativamente o que se gastaria normalmente para adquirir um aeromodelo. “A gente não tinha muitos recursos financeiros para construir um do zero”, explica o estudante. “Então, a gente procurou materiais mais baratos. Utilizou isopor re-



Governador João Azevêdo com estudantes do Projeto Asa Sagui: aeromodelismo pode auxiliar na educação de uma forma totalmente inovadora

cyclado, fita durex, e peças de aeromodelos antigos que tinham por aqui. E a gente conseguiu comprar peças usadas para construir o nosso”.

O resultado disso im-

pressiona. “A gente conseguiu reduzir os custos de um aeromodelo drasticamente”, defende. “Se você fosse comprar um hoje, teria que investir mil reais ou um pouco mais. E a

gente conseguiu fazer com que esse custo fosse reduzido a pouco mais de 250, 300 reais”. Os kits de robótica já disponíveis na escola também ajudaram. “Pensamos

em reaproveitar kits de robótica na construção desses aeromodelos. A parte elétrica dá pra muito bem utilizar equipamentos que estejam parados”.

+ Alunos criam cartilha em estilo mangá para compartilhar conhecimento



Enzo hoje é estudante de Ciências Aeronáuticas na ESAC Unifacisa, mas agradece muito o apoio da ECI Álvaro Gaudêncio de Queiroz. “A escola foi nossa ‘mãe’ nessa empreitada”, conta. “No ano de 2019, quando a gente estava numa escola ‘emprestada’, a nossa foi

inaugurada”. A escola estadual ganhou um novo prédio em agosto de 2019. “A escola cedeu salas para que a gente pudesse construir, pesquisar e todo o tempo que a gente poderia usar”.

O objetivo é retornar com esse projeto para colaborar com as escolas públicas. E, para isso, até os quadrinhos japoneses serviram de inspiração. “A gente pensou em utilizar a linguagem do mangá como uma forma de conseguir se comunicar com os alunos: fizemos uma cartilha toda ilustrada [capa ao lado], muito bacana. Totalmente focada em como a Asa Sagui iria atuar na prática mesmo com os alunos”, explica Enzo.

Em uma fase seguinte, os alunos passariam a construir seus próprios modelos em suas próprias escolas. Nesse ponto, o apoio viria da internet. “Eles

poderiam abrir do próprio celular nosso canal no YouTube, onde poderiam ver uma série de vídeos – do mais básico ao voo em si”, conta. “Do isopor até quando esse pedaço de isopor se transformar em um aeromodelo, nosso canal vai ensinar tudo isso”.

A formação dos professores também foi lembrada pelo projeto. “Fariamos palestras nas escolas para mostrar como fazer essa ponte sobre o que é visto na sala de aula e o que ainda vai chegar”.

Falta financiamento

O projeto já está todo preparado. “Já construímos todo o ‘esqueleto’. Já passamos tudo isso propapel. Só esperando que possamos dar início à construção dos aeromodelos”, afirma. “Porém, a gente sofre com aquele grande problema que é o investimento”.

Enzo e seus colegas estão tentando seguir com o projeto, mas a parte financeira pesa. “A gente não recebe nenhum financiamento, nenhum incentivo financeiro para poder construir os aeromodelos”. Apesar de terem conseguido baratear muito cada exemplar, ainda assim há um custo com que os estudantes não conseguem arcar.

“Alguns equipamentos são caros e a gente, como ex-estudantes de escola pública, não tem como bancar”, lamenta. “Seria muito bom que a gente conseguisse ver um projeto de ex-alunos de uma escola estadual funcionando em outras escolas. É nosso sonho ver nossa ideia ajudando outros alunos da Paraíba. Hoje em dia não somos mais alunos da Álvaro Gaudêncio e nos esforçamos muito para manter o projeto em pé. Mas é muito complicado sem ter esse incentivo financeiro”.

“Seria muito bom que a gente conseguisse ver um projeto de ex-alunos de uma escola estadual funcionando em outras escolas. É nosso sonho ver nossa ideia ajudando outros alunos da Paraíba”



“Imortal é um homem que fica na lembrança”

Poeta popular, Caixa D'água é autor de 16 livros repletos de versos sonhadores

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Manoel José de Lima, o famoso Caixa D'Água, foi um poeta que costumava perambular pelas ruas do Centro de João Pessoa. Vestido sempre com um terno branco, carregava uma maleta com livros e jornais. Boêmio, tinha parada obrigatória em um dos bares do Parque Solon de Lucena para tomar uma cerveja. Era personagem conhecido na cidade. Nascido em Cruz do Espírito Santo no dia 5 de janeiro de 1934, o poeta saiu de sua terra para a capital em 1947, quando tinha 13 anos. Casou, teve três filhas e, apesar do pouco recurso, publicou 16 livros. Na cidade que o acolheu, uma estátua foi erguida como homenagem, em 2007, um ano após sua partida. “Imortal é um homem que fica na lembrança”, disse, em entrevista ao Correio das Artes, em março de 2004.

O poeta tinha como tarefa diária passar pela Lagoa e parar na banca de revista para ler jornais e revistas. Ele dizia que era intelectual. Seu jeito autêntico conquistou a simpatia de anônimos e famosos. “Eu

conheci Caixa D'Água, era mais novo do que ele, mas convivi com ele, que já era famoso em João Pessoa, e tem um episódio que sempre conto. Fui lançar um livro em João Pessoa. Logo cedo, bem antes do lançamento, apareceu Caixa D'Água e disse: ‘Olha, colega, eu trouxe um livro meu para trocar com você. Você me dá o seu e eu lhe dou o meu’. Eu concordei e disse que era uma honra para mim”, relatou o poeta, jornalista e escritor José Nêumanne Pinto.

Até aí, tudo bem. Porém, Caixa D'Água queria mais, e disse que gostaria de fazer um discurso durante o lançamento. “Na época, o prefeito era Wilson Braga e o governador, Tarcísio Burity, dois inimigos mortais, e ambos entraram na fila para pegar o meu livro. E eu disse a ele: Olha, Caixa, vai falar o prefeito, o governador, em seguida, eu falo, e aí eu dou a palavra a você e você fala. Ele concordou. Quando eu estava no meio do discurso, dei uma parada para respirar e o Caixa gritou: ‘E para concluir’ – risos. Ficou uma coisa que eu cito sempre o exemplo da necessidade da concisão”, comentou Nêumanne.

Na análise de Nêumanne, Caixa D'Água tinha qualidades

que ficaram impressas em suas obras. “Ele escreveu 16 livros com uma poesia originalíssima, até porque eu acho que todo poeta é, no fundo, um louco, um falso louco, enlouquece tão falsamente que acredita no juízo quando não tem. Só que o Caixa era um doido autêntico e, portanto, um poeta autêntico, talvez a característica principal de sua obra”, afirmou. Um hábito que cultivava era guardar recortes de todas as publicações sobre ele.

Uma das histórias que envolve o poeta trata do sentido de usar terno branco. “Tem uma história que contam que ele dizia só usar branco porque era um intelectual. Quando perguntavam sobre o empresário Renato Ribeiro Coutinho, que também só usava a cor, ele dizia: É um imbecil. Um dia, Renato comprou uma casa e deu para Caixa D'Água. Voltaram a perguntar a razão dele usar branco, e ele respondeu que usava porque era um intelectual. E o Renato Ribeiro Coutinho? E ele respondia: ‘Ah, que pergunta mais idiota, porque ele também é um intelectual’. (risos). Também ganhando uma casa, até eu mudaria de opinião”, brincou Nêumanne.



Vestido sempre com um terno branco, carregava uma maleta com livros e jornais, perambulando assim todos os dias pelo Centro da Capital

+ Jeito singular conquistou atenção de Gilberto Gil no final dos anos 1970

Caixa D'Água, com sua história, sempre chamou a atenção do escritor, jornalista e poeta Fernando Moura. Tanto que ele estuda a possibilidade de produzir algum material para eternizar a memória do poeta. Aí-

da não há nada pronto, mas Moura conta com uma entrevista exclusiva que fez com o Caixa. “Era um dia de domingo e eu fui bater na casa dele, na Rua da Areia, onde também morei, para tentar fazer uma entrevista”, lembrou.

Ao chegar na casa de Caixa D'Água, ele estava dormindo. “Mas, a família ficou muito entusiasmada, porque era um jornalista que estava visitando, um poeta e tal. Tirei ele de lá e fomos para o Pavilhão do Chá, onde fiz a entrevista de umas duas horas e meia. Tenho umas quatro fitas de conversa sobre tudo, a vida dele, a poesia. E eu pretendo, em algum momento, desenvolver alguma coisa em torno disso, a partir dessa entrevista e dos 16 livros dele. Tenho todos”, contou Fernando Moura. “Sua obra é de uma riqueza popular. É um Zé Limeira, guardadas as devi-

das proporções, porque Zé Limeira era surrealista e Caixa D'Água era um sonhador”, comparou.

Nos anos 1980, conforme contou Fernando Moura, Caixa D'Água morava no bairro do Cristo e todo ano fazia uma festa para comemorar seu aniversário. Convidava os poetas amigos, jornalistas. Em 1986, ele me convidou e eu terminei não indo. No outro dia, encontrei com ele no bar da API (Associação Paraibana de Imprensa). E ele disse: ‘Mas, Fernando Moura, você não foi para o meu aniversário. Estavam lá Fulano, Beltrano, Bui Ramos, só faltou você. Nós amanhecemos a noite toda’. Eu nunca esqueci dessa frase. Isso é poesia pura”, contou, sorrindo.

“Ele era engraçado, chegava na sua mesa, já pegava um copo, tomava cerveja e tomava conta. Era um pouco autoridade e, ao mesmo tempo, simplicidade porque dependia de muita gente. Todo dia ia na API e na banca Viña del Mar, na Lagoa, depois ia para os bares no Centro da cidade. Circulava aquilo tudo a pé, era impressionante. Voltava e ia escrever de madrugada. Dormia até 11h, meio-dia. Acordava, tomava café e saía novamente”, disse Moura.

O encontro

Houve também um encontro com Gilberto Gil. Na capa do terceiro livro de Caixa D'Água, ‘O verde canavial da minha terra’, há uma foto do poeta com o cantor.

Ali, Caixa D'Água escreveu: homenagem de Gilberto Gil ao poeta Manoel José de Lima. “Botou a foto e ele mesmo disse que era uma homenagem. A personalidade dele era muito curiosa”, disse Fernando Moura. “E eu também tive um episódio com Gil, quando fui entrevistá-lo para a biografia de Jackson do Pandeiro. Quando me apresentei, começamos a conversa. Eu sabia que ele era muito amigo de Carlos Aranha, e disse que ele tinha mandado lembrança. Gil, prontamente, lembrou de Aranha, mas em seguida perguntou: E como é que está Caixa D'Água? Isso foi em 1999. E toda vez que ele vinha a João Pessoa pedia para se encontrar com o poeta”, acrescentou.

Caixa D'Água sempre foi um poeta boêmio e chamava de calhordas os poucos letrados que tinham a ousadia de posar de intelectuais. Quem conta essa história é o jornalista Walter Santos, que também conheceu o poeta. “Essa era uma expressão habitual dele. Foi um poeta popular que dialogava, tinha o mérito de saber conversar”, elogiou.

Santos também conta a ligação entre Caixa D'Água e Gilberto Gil. “No final dos anos 70, não havia uma vez que Gil viesse a João Pessoa que não pedisse a Carlos Aranha, grande produtor musical da época, para saber onde estava Caixa D'Água e, invariavelmente, Caixa D'Água aparecia para trocar algumas conversas com Gilberto Gil”, lembrou.

Para o jornalista, o poeta tinha a capacidade de ser um poeta popular, com um estilo boêmio. “Era um sujeito que dizia o que pensava, o que na vida não é muito fácil. Viveu toda a vida nesse âmbito intelectual, nas obras intelectuais políticas, mostrando sua capacidade de ser um produtor da poesia popular. Frequentava a API com muita moral. Subia as escadas de lá, parecia que era sócio, mas ele tinha um estilo manequim de quem convivia com os intelectuais”, lembrou. “Faz falta pessoas como ele nos dias de hoje. Sempre foi autêntico e, às vezes, era abusado”, completou.

Saiba Mais...

- O poeta morreu no dia 27 de março de 2006, aos 72 anos. Seu corpo foi velado na Associação Paraibana de Imprensa (API).
- A Prefeitura de João Pessoa (PMJP) prestou uma homenagem ao poeta Manoel José de Lima, conhecido por ‘Caixa D'Água’, com a inauguração de uma estátua na Praça Aristides Lobo. A obra dos artistas plásticos Domingos Sávio e Mirabeau Menezes foi entregue à cidade no dia 4 de outubro de 2007, Dia do Poeta. O monumento acabou sendo destruído por vândalos.



Joel Carlos

Jornalista inaugurou o comentário político na linguagem do rádio

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@uip@gmail.com

Joel Rufino da Silva resolveu trocar seu nome pelo pseudônimo Joel Carlos, por achá-lo mais sonoro e bonito. Caladão, dispensava este adjetivo diante dos microfones da Rádio Borborema, em Campina Grande, quando falava para todo o Estado, através de seu programa 'O que o Povo Quer Saber'. De acordo com um de seus parceiros de trabalho, o jornalista e radialista João de Barros, "ele tinha um vozeirão bem radiofônico, daí porque se sentia mais à vontade dentro de um estúdio do que com a máquina de escrever". Aliás, ele até pensou em escrever um livro - 'Minhas Memórias' - mas acabou desistindo, por falta de incentivo.

Natural de Campina Grande, era muito cauteloso e tinha infalível jogo de cintura. Por ser amigo da família Gaudêncio, todos os dias citava o nome de Álvaro Gaudêncio em seu programa. A direção da rádio proibiu. Sem se aperear, Joel achou outro jeito matreiro de fazer o anúncio e abriu o programa assim: "Meu Bom dia para João da Silva, o grande ouvinte que nós temos lá no Conjunto Residencial Álvaro Gaudêncio". Sem afetar ninguém nem apelar para meios fraudulentos, ele moldava seu plano manhoso de viver. Atuava na área política com desenvoltura. Seu maior legado para o jornalismo paraibano foi, justamente, ser um comentarista político sempre imitado, mas nunca igualado.

Costumava ler, no ar, qualquer editorial de jornal que lhe caísse nas mãos. Segundo Barros, a dicção perfeita e o comentário bem abalizado de Joel ficou na lembrança de todos os seus ouvintes. "Ele nasceu para ser radialista, atuar menos como jornalista de jornal escrito e, apesar de ser bioquímico e servidor da Secretaria de Saúde do Estado, muito pouco exerceu esta profissão", lembrou. De família humilde, soube enfrentar os obstáculos surgidos em sua vida. Ao morrer não

deixou inimigos. Apenas uma vago de saudade no coração de quem lhe admirava.

O jornalista e escritor Bruno Gaudêncio lembra Joel Carlos de um modo diferente: "Era caladão, mas soltava o verbo no Caladão de Campina Grande, onde ainda se reúne toda a plêiade de poetas, jornalistas, escritores, repentistas e humoristas (Shaolin era frequentador de lá). Também se desinibia diante dos microfones. Sua barriga e as pernas finas despertavam piadas que partiam dos amigos, mas ele não estava nem aí".

Dinâmico, comunicativo e muito bem articulado com seus pares e o mundo social, Joel era convencido de possuir uma voz diferenciada, então, não resistia a um microfone, mesmo que fosse para não ganhar nada. Suas denúncias como repórter político eram bem objetivas. Ao que parece, deixava transparecer que conhecia Campina Grande e a todos que nela habitavam.

O jornalista e ex-diretor técnico de A União Geovaldo Carvalho tem mais informações sobre a vida desse ilustre campinense. Joel Carlos é nome de rua no bairro Três Irmãs, em Campina Grande. Ele atuou nas rádios Cariri e Borborema, na mesma cidade, assinando pequenas seções de assuntos políticos. "Foi pioneiro em realizar análises políticas no rádio, à frente de programas de sucesso, como 'Pergunte o que Quiser' e 'O que o Povo Está Querendo Saber'. A galera tirava onda com ele por causa da sua fraterna ligação com os Gaudêncio," afirmou Geovaldo.

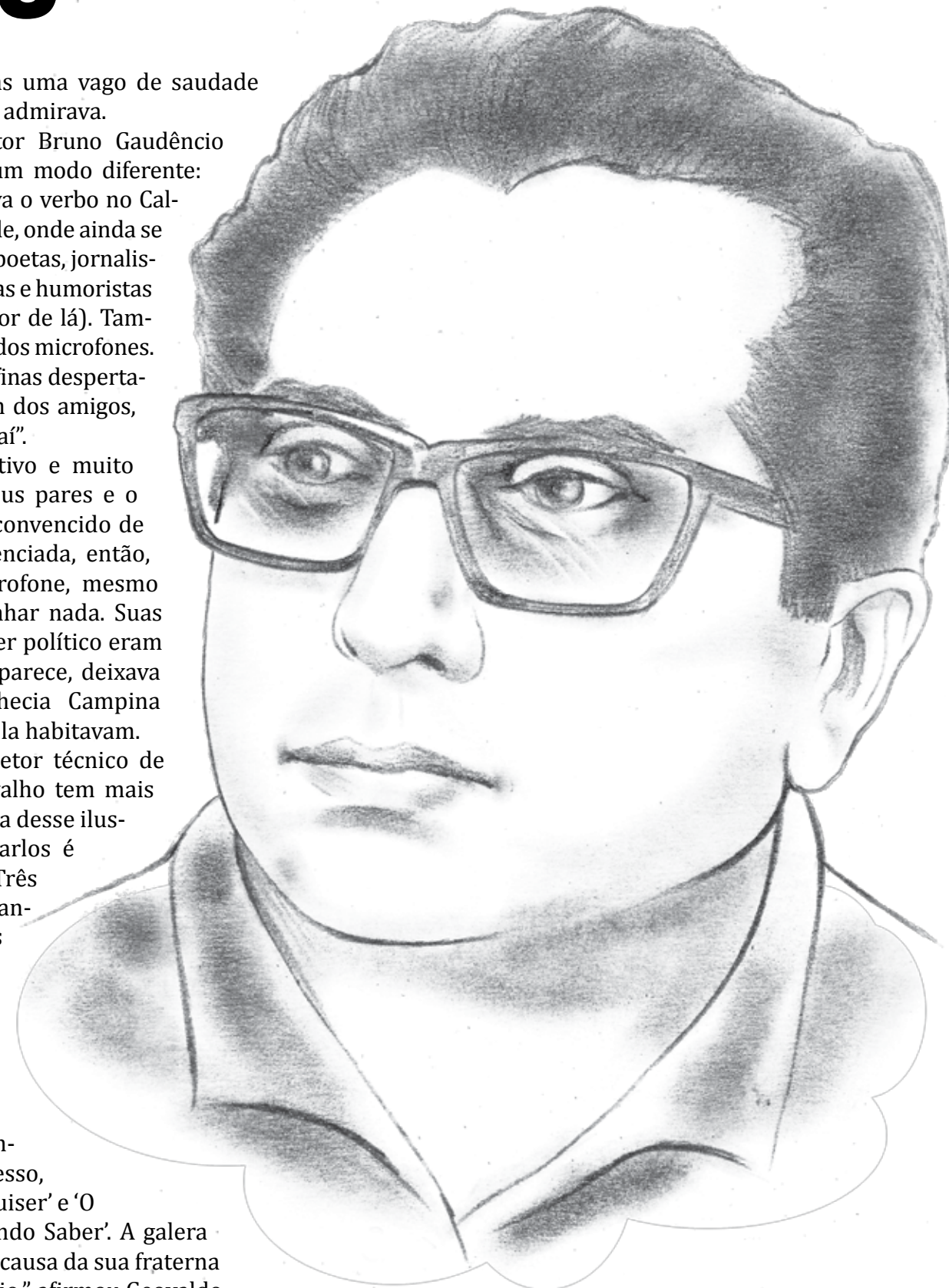


Ilustração: Tonio

Disc-jóquei, redator e radioator

Joel repetia tantas vezes no ar o nome de Álvaro Gaudêncio, chefe de um clã político do Cariri, que a direção da rádio Borborema proibiu. Geovaldo conta que Joel, inteligentemente, um dia não se conteve e tascou: "a Prefeitura precisa tomar uma providência contra esses buracos. Ontem quase torci o pé ao cair dentro de um deles na rua Álvaro Gaudêncio". Virou troça entre os colegas. E Joel nem ligava. Tinha um timbre de voz que emprestava credibilidade às suas versões e comentários sobre política.

O jornalista, professor universitário, escritor e apresentador de TV Gilson Souto Maior, que já escreveu diversos livros sobre a história do rádio e da televisão na Paraíba, argumentou que Joel Carlos representou muito para a rádio difusão a nível estadual, por isso, pode ser considerado um homem completo na área da comunicação. Gilson deu exemplos. "Ele não foi apenas um disc jockey, pois, paralelamente, atuou como jornalista, apresentador de programas de estúdio e de auditório, redator e radioator, além de exímio comentarista político". Em parceria com Deodato Borges, Joel fez nome nas radionovelas de Campina Grande, se revelando um ótimo profissional neste setor.

Ao longo de sua existência como radialista e jornalista, Joel trabalhou com nomes que formavam a excelência do rádio na época, como Nelson do Amaral, Luizmar Rezende, Aécio Diniz, Sérgio Reis (não confundir com o cantor), Joselito Lucena, Antônio Albuquerque de Queiroz, e, entre outros, Gil Gonçalves, Gilson Souto Maior e José Tenório. Gilson acrescenta que Joel era tão apaixonado pelo Jornalismo que mesmo após se aposentar do Estado, como bioquímico, cursou Jornalismo na UEPB e continuou a trabalhar em rádios e jornais.

Como uma das marcas fortes da Rádio Borborema era os programas políticos e de auditório, Joel também brilhou, nessas duas áreas, ao lado de Genival Lacerda, Mc Dowel Holanda, Rósil Cavalcanti e outros nomes.

Inaugurou, também um programa semanal de auditório na Rádio Borborema, divulgando violeiros do sertão paraibano. Na Rádio Cariri, revelou-se um dos bacharéis do disco, criando o programa Cariri Musicíssima, obtendo razoáveis índices de audiência, ao lado de Benjamin Blein, Cirilo Rodrigues, Carmem Cícera e Dora Guimarães. "Seu legado ao jornalismo está comprovado na sua dedicação extrema ao rádio e ao jornal", disse Gilson. "Seu Severino Quirino faltava ao trabalho, Joel o substitua como chefe de cerimônias, sem cometer falha nenhuma", acrescentou.

Filho de Manoel Rufino da Silva e Maria do Socorro Ribeiro da Silva, Joel Carlos nasceu em Campina Grande, no agreste paraibano, a 128 Km de João Pessoa, em 16 de junho de 1939. Morreu na mesma cidade, em 14 de janeiro de 2014, vítima de infarto no miocárdio. De seu casamento, nasceu um casal de filhos. Um deles é o famoso Kaká do Forró, atualmente, grande nome da música regional nordestina. Joel está sepultado no Cemitério do Monte Santo, em Campina Grande, onde também repousam outras figuras ilustres do Jornalismo, das letras, da política e das artes, que iniciaram suas carreiras no Compartimento da Borborema.

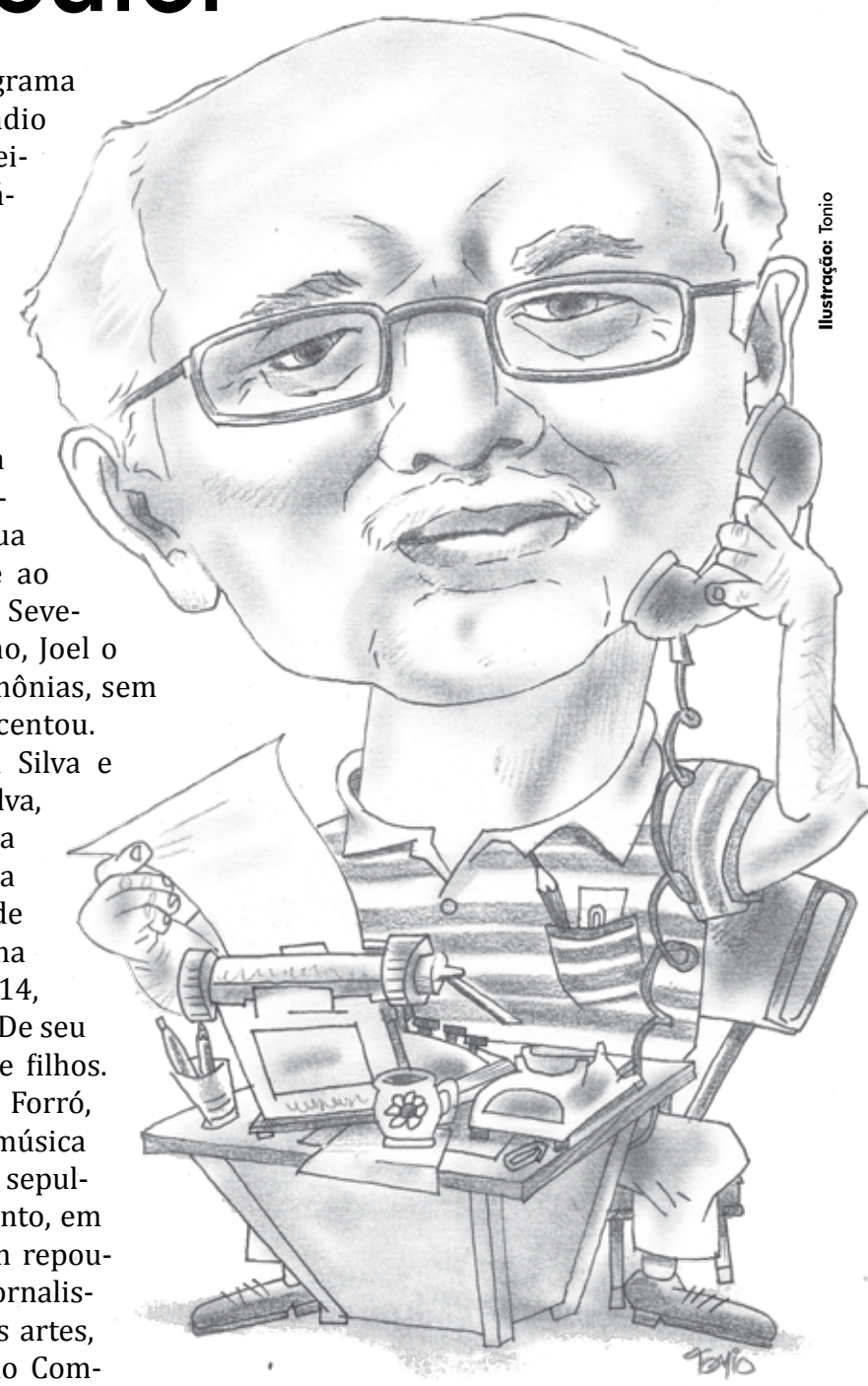


Ilustração: Tonio

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Sobre crônicas e o tempo do leitor

Não é sempre que o leitor está preparado para apreciar uma obra. Pode ser o livro mais perfeito, o melhor escrito, mas se quem o tem em mãos não estiver no tempo certo - o tempo do leitor -, tal obra não lhe dirá nada. Talvez, nem sequer seja lida. Isso já ocorreu comigo várias vezes e, mais recentemente, com um estilo que aprecio muito: crônicas.

Um gênero que passeia entre o jornalismo e a literatura, a crônica tem grandes nomes no Brasil. Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Ruy Castro, Luiz Fernando Veríssimo. Por aqui, deleito-me com Gonzaga Rodrigues (querido mestre) e Ana Adelaide Peixoto, para citar apenas os que ainda hoje suavizam o cotidiano do leitor com suas histórias, registros e observações que são publicados no jornal A União.

Para Bráulio Tavares, o conto é uma seta direcionada para algo - tem um propósito. "É como uma ida ao cinema, ao banco, à sorveteria, ao consultório médico". Já a crônica (ah, a crônica...), "é uma caminhada pela praça ou pela praia, para onde se vai sem nenhuma

intenção além da caminhada em si, mesmo que uma intenção qualquer venha a surgir durante o percurso".

Bráulio Tavares nos delicia com suas poéticas descrições sobre conto e crônica no prefácio do livro *Demônios Domésticos*, de Tiago Germano. E foi justamente nesse livro que eu empiquei e não consegui ir adiante, mesmo adorando ler crônicas. Desde sempre eu sabia que o problema (se há algum) não estaria na escrita de Tiago. Por isso, parei nos dois ou três textos que já havia lido e deixei que todos aqueles demônios dormissem um pouco - distantes de mim.

Lançado em 2017 pela editora Le Chien, *Demônios Domésticos* reúne crônicas publicadas neste jornal *A União*. Um ano depois, ficou entre os finalistas do Prêmio Jabuti, o principal concurso do tipo na literatura brasileira. Mesmo após o nome de Tiago figurar entre os finalistas, eu sabia: ainda não era hora de retomar a leitura.

Fiz isso no fim de semana das eleições. Enquanto pensava em quem iria votar para prefeito, armei uma rede de algodão cru e me deixei levar pelo



Fotos: Reprodução

barulhinho do armador. Há quem não goste do ruído, mas aquele nhém-nhém me leva ao Sertão, à casa dos meus pais. Também foi o tema perfeito para que eu me encontrasse com as crônicas de Tiago Germano. Sim, o momento havia chegado!

Passai a amar todos os textos? Não. Li todos dessa vez? Sim: *Veni, vidi, vici!* Mas isso não significa que eu tenha gostado do livro inteiro. Pecado do criador dos demônios? Não. Será que a leitora não estava pronta mais uma vez? Nova resposta negativa. Ler um li-

vro de crônicas e gostar dele é diferente de apreciar tudo o que ali está posto.

Ri muito com "O papa vai ao banheiro", "Malamen e o Extrato", "O menino que sabia engravidar". Deixei-me envolver pela delicadeza de "Óculos Ray-Ban" e "Claudia". Pensei em saudade, amor e paixão com "Hoje", "Parênteses", "Comendo paçoca". Lembrei muito do meu pai (que partiu há alguns meses) ao ler "Velha Mania". E recordei que herdei dele a velha mania de apanhar coisas do chão: um parafuso, uma moeda, uma tampinha de garrafa e até uma placa que hoje enfeita meu escritório: "Plerigo - Não fume - Inflamável".

Atualmente, Tiago Germano tem outros livros publicados. Para felicidade dos leitores, foi mais longe e não se ateu à costumeira corrinha chamada crônica. Tomou fôlego. Dá passos largos. Escreve romances. O Tiago cronista, porém, agora está em mim e tem lugar de destaque na minha estante. Divide espaço com Drummond, Ruy Castro e Veríssimo. Que bom que "meu tempo" para ler você chegou, Tiago. Que bom!

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Elizete Cardoso, "A Divina" - centenário de nascimento

A enluarada, a Faxineira das Canções, a Magnífica, a Divina, a Lady do Samba, a Noiva do Samba-canção, a Mulata Maior, a Cantadeira do Amor, a Meiga Elizete, Elizetíssima. Entre tantos (e outros) apelidos carinhosos, Elizete Cardoso só ficava constrangida quando a chamavam de Divina. "Eu não mereço", dizia. "Quando alguém grita 'Divina' na rua, eu fico morta de vergonha e finjo que não é comigo". Um dia, Elizete confessou à também Divina Sarah Vaughan o quanto o adjetivo a encabulava. Sarah sorriu e deu-lhe um conselho: "Não abdique dele, foi uma conquista sua". Esses adjetivos conquistados por Elizete Cardoso são todos merecidos, nenhuma outra cantora no mundo tem tantos elogios quanto a Divina.

Elizete Moreira Cardoso (Rio de Janeiro, 16 de julho de 1920 - Rio de Janeiro, 7 de maio de 1990) foi uma cantora brasileira. Conhecida como "A Divina", Elizete é considerada uma das maiores intérpretes da música brasileira, além de uma das mais talentosas cantoras de todos os tempos, reverenciada pelo público e pela crítica nacional e internacional.

Nasceu numa casa de cômodo na Rua Ceará nº 5, no bairro Estação de São Francisco Xavier, próximo ao morro de Mangueira. Seu pai, o carioca Jaime Moreira Cardoso, fiscal da prefeitura do Distrito Federal. Eram muito pobres, o que era agravado pelo fato de que seu Jaime gastava boa parte do que ganhava nas ruas, com namoradas, serestas e bebida. O senhor Jaime era seresteiro e tocava violão. Sua mãe, a baiana Maria José Pilar, dona moreninha, gostava de cantar.

A família em geral, principalmente seu Tio Pedro, participava da vida musical da cidade, frequentava sociedades dançantes da época. Oriunda de uma família humilde, tinha o sonho de ser artista, e era levada por seu pai para cantar pelos bairros da Zona Norte carioca, cobrava ingresso (dez tostões) das outras crianças para ouvi-la cantar os sucessos

de Vicente Celestino. Com apenas 5 anos, subiu no palco da antológica Sociedade Familiar Dançante e Carnavalesca Kananga do Japão e pediu para o pianista acompanhá-la na marchinha "Zizinha", de José Francisco de Freitas, Carlos Bittencourt e Cardoso de Menezes, sucesso do Carnaval daquele ano.

De uma família de seis irmãos, além dela, Jaimira, Eneida, Nininha, Diva e Antonio. A família frequentava casas de sambas e festivais de música popular na cidade. Nessa época, morou no bairro carioca de Jacarepaguá. Ainda menina, costumava frequentar a famosa Casa de Tia Ciata, onde convivia com grandes músicos amigos de seus pais e de seus tios Ivone e Pedro. Ainda criança, também colocava em prática seu lado escritora e atriz e costumava escrever peças e organizar teatros para as crianças da vizinhança, sempre tendo como repertório de suas criações as músicas de Vicente Celestino.

Embora almejasse brilhar nos palcos, sua vida não fora nada fácil: após concluir o primário, ela e seus irmãos tiveram que abandonar os estudos e ajudar no sustento do lar. Elizete começou a trabalhar aos dez anos e, entre os anos de 1930 e 1935, foi balconista, funcionária de uma fábrica de sapatos e cabeleireira.

A vida de Elizete começou a mudar aos dezesseis anos, quando ela teve sua primeira festa de aniversário. Nessa época, sua família havia se mudado para uma pequena casa na Rua do Rezende, nº 87, Centro do Rio. Com difíceis condições financeiras, a família foi morar de favor com a tia Ivone e o marido dela, Pedro. Sua festa fora realizada nesta casa. Para a festa, foram convidados vários amigos de seu pai e de seu tio, também músicos: Fixinguinha, Dilermando Reis, Jacó do Bandolim. Seu tio Pedro, por quem Elizete tinha especial carinho, adorava ouvi-la cantar - e resolveu mostrá-la aos amigos.

Apresentou-a a Jacó, que pediu que a jovem cantasse para todos na festa, e mesmo muito tímida, concordou, cantou o samba "Duas Lágrimas", de Benedito Lacerda e Herivelton Martins, acompanhada pelo conjunto de um jovem de 18 anos chamado Jacó Pick Bittencourt, que ficaria famoso como Jacó do Bandolim, e todos gostaram e aplaudiram seu talento nato. Jacó, impressionado com a voz da adolescente, que mesmo sem aula já era uma voz sem erros, profissional. Você é uma cantora extraordinária - disse ele após o número. E, aproveitando, resolveu convidá-la para fazer um teste na Rádio Guanabara e ver se o dono aprovava.

Quem não gostou nada disso foi o senhor Jaime, que advertiu do alto dos seus quase dois metros de altura que a filha não iria cantar em lugar algum. Tio Pedro e a mulher tia Ivone, com o integral apoio de dona Moreninha, protestaram. Seguiu-se, então, um intenso bate-boca entre eles e o pai da cantora, que diante da pressão familiar e sem possuir aliados acabou por se curvar à vontade da filha. Está bem, mas eu vou junto! - gritou, enfadado. Olhou para a filha e completou: - Essa menina é muito assanhada.

Posteriormente, a cantora se transferiu para a Rádio Educadora (programa Samba e outras coisas) e, em seguida, para a Rádio Transmissora, onde participou do programa Rádio Novidades. Pouco tempo depois, Elizete passou a se apresentar na Rádio Mayrink. A partir daí, nunca mais parou de fazer sucesso, gravando um disco atrás do outro.

A divina e dama da canção brasileira gravou 22 discos 78 rotações e 40 LPs, dentre esses alguns tornaram-se antológicos. Em 1958, com o lançamento do antológico LP "Canção do amor demais", com músicas de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, considerado o marco do início da Bossa Nova, por conta da sua interpretação e do acompanhamento de João Gilberto, até então um músico desconhecido. Nas canções "Chega de saudade" e "Outra vez", este disco traz uma interpretação excepcional para "Canção do amor demais", de autoria do irmão de Chico Anísio, Eleno de Paula e Chocolate, sendo considerado um dos discos mais importantes da discografia brasileira. Outro LP "Elizete sobe o morro" foi um dos grandes LP da nossa música brasileira, que inclusive marcou também a estreia de Nelson Cavaquinho em gravações.

O sucesso do disco "Elizete sobe o morro", de 1965, com a canção "O samba, a flor e o espinho", na voz de Elizete Cardoso, se tornou um dos maiores clássicos do gênero, com marca registrada da dupla Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito. Segundo o empresário, arranjador vocal e produtor musical de trilhas sonoras ganhador de 27 Grammy Award, o norte-americano Quincy Jones quando conheceu a divina fez a seguinte afirmativa: "você é a dama da canção do Brasil, é uma das maiores cantoras do mundo que eu tive o prazer de ouvir em toda a minha vida. Já comprei vários discos seus e irei ouvi-los quando chegar nos Estados Unidos".

(Por motivos de ordem superior, o autor desta coluna não pôde apresentar um texto inédito esta semana, mas aproveitamos para republicar um de seus artigos mais lidos, que saiu na edição de 26 de julho de 2020)



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

A base do negócio

É bem comum pessoas vendo os empreendimentos do ramo de gastronomia sendo um sucesso e acharem que se seguir ou copiar a mesma coisa o seu negócio também será sucesso. E a coisa não é bem assim. Hoje vivemos em um mundo globalizado, onde a internet tomou conta do mercado, e muitas vezes uma "live" chega a ter alcance maior do que uma rede de tv. E por incrível que pareça existem emissoras que proibem seus colaboradores funcionários de fazer o famoso #publi em suas redes sociais. Parece até mentira, mas é pura realidade!

Hoje, antes das empresas serem abertas, já criam a logomarca e o seu Instagram para começar a colocar conteúdos que possam cha-

mar seguidores e, ao mesmo tempo, atrair seus clientes no futuro. Acho que muitos de vocês que vivem neste mundo de redes sociais, de sorteios em dinheiro, celulares, motos têm que seguir as pessoas que a empresa segue e marcar mais dois, três amigos. Isso é marketing. A empresa está usando esses meios para ser uma futura marca no Instagram, ou até mesmo vender por um valor absurdo esse mesmo Instagram que vai chegar na média de um milhão de seguidores ou até mesmo mais.

Se você está pretendendo abrir um negócio no ramo de gastronomia, já vá seguindo algumas dicas como essa de criar sua rede social e gerar conteúdo, com o objetivo de gerar essa expectativa, esse suspense. Segundo, você terá que ter

foco no negócio que você queira abrir e que tenha um resultado favorável. Só que esse resultado favorável vai depender de vários fatores como capacitação de funcionários, local de negócio, tipo de público. São vários fatores que vão dizer se seu caminho está o correto. E ainda terá que contratar um consultor em gastronomia antes. Só ele vai guiar, com seu olho especialista, seu negócio da forma mais correta a seguir.

O velho guerreiro na TV falava: "Na televisão, nada se cria, tudo se copia." Isso fica só para TV, ok? Inove, seja ousado. Se for para copiar, faça de sua forma que não siga a linha do outro. A melhor coisa é você parecer igual, porém tem que ter um diferencial que te torna especial.

PRATO DO DIA

Arroz cremoso na nata e carne de sol

Ingredientes

- 01 colher (sopa) de óleo
- 01 cebola roxa picada
- 01 xícara (chá) de arroz branco lavado e escorrido
- 01 pitada de sal
- 01 xícara (chá) de leite de coco
- 01 xícara (chá) de queijo coalho em cubos pequenos
- 01 xícara (chá) de carne de sol desfiada e dessalgada
- 02 colheres (sopa) de coentro
- 03 colheres de nata e queijo coalho ralado para polvilhar

Modo de preparo

- ✓ Em uma panela média, aqueça o óleo e refogue a cebola até murchar. Junte o arroz e refogue muito bem até ficar brilhante. Acrescente o sal, o leite de coco, uma e meia xícara (chá) de água e misture bem.
- ✓ Abaixar o fogo, tampe parcialmente a panela e deixe cozinhar até o arroz secar.
- ✓ Desligue o fogo, tampe a panela e deixe por mais cinco minutos para que o arroz termine o cozimento em seu próprio vapor.
- ✓ Em um recipiente refratário, misture o arroz, o queijo coalho, a carne-seca, o coentro, acrescente a nata e misture bem.
- ✓ Polvilhe o queijo coalho e leve ao forno médio-alto (200°C), preaquecido, por 15 minutos ou até gratinar. Sirva.



Foto: Reprodução



Foto: Divulgação



QUENTINHAS

• Aconteceu na tarde do dia (17), a entrega do Prêmio Cantaloupe e o encerramento da Paraíba Restaurant Week 2020. Ao todo, 28 restaurantes participaram do evento, foram vendidos mais de 13 mil menus, com faturamento de mais de R\$ 1 milhão e mais de R\$ 7 mil arrecadados para a ONG Milagre Sertão.

• Essa semana tive o prazer de provar as delícias dos antepastos, patês, torradas, grissinis e aperitivos da Alupast's Artesanal. A burrata deles é simplesmente sensacional. Como o próprio nome da empresa diz, tudo é artesanal e feito com muito carinho. Vale muito a pena encomendar para uma noite entre familiares e amigos. Você pode acessar o Instagram no perfil @alupasts e fazer os pedidos pelo contato 98626-7028.

• Que tal encomendar um bolo diferente para comemorar uma data especial? A Sublime Dolci – especialista em bolo de rolo e também palha italiana – trabalha sob encomenda e surpreende muito com o resultado final. Basta uma simples olhada no Instagram deles (@sublimedolci) para se encantar. Os bolos também têm a opção de serem feitos com renda de açúcar comestível e com flores também feitas de açúcar comestível. Entre em contato pelo 99801-6096.

• Para uma festa ter seu sucesso, além das comidas, a decoração faz toda diferença. A empresa Cajuzinho de Festa (@cajuzinhodefesta) tem itens de decoração para aluguel. São boleiras, bandejas e peças delicadas que dão um toque muito especial a qualquer comemoração. Eles entregam as peças alugadas um dia antes da festa e retornam no dia posterior para recolher. Eles também trabalham com descartáveis sustentáveis e papelaria.

PITADAS A GOSTO

A nata (português europeu ou brasileiro), ou creme de leite (português brasileiro) é a gordura do leite, um tipo de laticínio, muito utilizada em culinária e confeitaria e também como principal ingrediente da manteiga.

No leite fresco em repouso, a porção gorda, menos densa que a água, forma uma camada de nata à superfície, que pode ser removida para uso posterior; esta nata tem apenas 30% da gordura do leite.

Nos países industrializados, no entanto, a nata é extraída do leite por centrifugação, e depois tratada termicamente para se conservar mais tempo. As formas de tratamento térmico incluem a pasteurização, a esterilização e o UHT.

Possibilidade de liberdade e igualdade

Do direito político aos direitos sociais

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Segundo o sociólogo britânico T. H. Marshall, a cidadania, para ser plena, precisa estar no âmbito social, político e civil. No decorrer da história, a partir das necessidades humanas, a cidadania foi sendo estabelecida. De acordo com cada cultura e história do país, ela pode garantir mais do que liberdade e igualdade, mas também a possibilidade de educação e saúde. Mas como saber se usufruímos de todos os direitos básicos de um cidadão?

De acordo com o professor de Sociologia e Antropologia da Universidade Estadual da Paraíba, Luciano Albino, a forma como a cidadania surgiu influenciou como ela é vista atualmente. Do ponto de vista filosófico, a cidadania surgiu na Grécia antiga, mas era algo restrito para o homem livre. “Nem escravo, nem os estrangeiros, e nem mulheres eram cidadãos. A sociedade grega era escravocrata e desigual, existe essa ideia de democracia, mas tudo num plano urbano”, explicou.

Na sociedade romana era utilizada a mesma ideia de cidadania. O professor cita a passagem bíblica em que Paulo de Tarso sofre represálias e usa o seu direito de cidadão romano para não ser preso. “Ser cidadão romano era ter direitos civis garantidos”, ressaltou.

Já na modernidade, o conceito de cidadania ganha um novo fôlego, a partir da Revolução Francesa, com os ideais de fraternidade, igualdade e liberdade. “Esses princípios são colocados como revolucionários e a cidadania toma um novo fôlego. Não era mais considerado um cidadão quem era de uma determinada família, ou de uma determinada classe social, era uma condição de nascimento para os filhos e filhas da França, daí esse conceito que vem caminhando até hoje”.

Ser livre é uma condição natural, que pode ser encontrado na teoria de Marshall. No entanto, a liberdade e igualdade por si só não são suficientes para que a cidadania seja plena. O direito



político começou a ganhar força a partir das necessidades dos cidadãos. “Ser livre e ser igual, mas não ter o que comer é complicado. No século XIX houve um conjunto de reivindicações no campo da política para que o trabalhador tivesse as suas organizações e pudesse participar da luta política. Aí começamos a caminhar para o movimento sindical e o direito ao voto”.

Os direitos sociais também se tornam um importante pilar para a cidadania plena. O professor explica que a ideia de liberdade e direitos políticos não são plenos sem outros direitos básicos como educação, saúde, transporte e condições dignas de trabalho. “Essa ideia foi materializada na Europa ocidental e nos Estados Unidos, no pós-Segunda Guerra. Porque você começa a ter no contexto da Guerra Fria, capitalismo versus socialismo, um ambiente em que direitos trabalhistas e sociais foram bastante reivindicados”.

O sociólogo explicou que na Europa ocidental, apesar de ter estabelecido um modelo econômico capitalista, a cidadania foi implantada com forte garantia de direitos sociais. “Nessa Europa ocidental você teve um caminhar para um modelo econômico que era capitalista, mas com estado democrático de direitos pautados no estado de bem-estar social, esse período vai do pós-Segunda Guerra até mais ou menos os anos de 1980”.

+ Preocupações ambientais, partidária, religiosa e garantias trabalhistas

No período da década de 1980, o Brasil passa por uma transição para a democracia. O professor Luciano Albino ressaltou que a Constituição Federal traz as três dimensões da qual o sociólogo Marshall se referia. “A nossa Constituição vai no caminho de garantias de direitos, preocupações ambientais, em relação às liberdades sociais, partidária, religiosa, garantias trabalhistas. A Constituição de 1988 é um marco da redemocratização do Brasil”.

A partir dos anos de 1990, o país se tornou cada vez mais integrado à economia internacional. Isso fez com que a luta passasse a ser pela estabilidade da economia e menos para a garantia de direitos. Já com o governo Lula (PT), de acordo com o professor, o país começou a ter um equilíbrio, com benefícios para os mais ricos e os mais pobres. “O governo do Partido dos Trabalhadores (PT) garantiu com que os muito ricos e muito pobres

tivessem um dinamismo econômico. Além de grandes progressos sociais”.

O sociólogo faz uma crítica ao atual governo federal e como ele ameaça a cidadania e a democracia do país. “O governo de Jair Bolsonaro (sem partido) é um retrocesso. Na minha leitura, ele rasga aqueles princípios constitucionais tão importantes que tivemos nos anos de 1980. Esse governo caminha para um horizonte de uma crise da cidadania”.

A importância do voto na cidadania

O caminho para conseguir garantir a cidadania plena é por meio da política, segundo explica o professor de Sociologia. Apesar dos desafios e, muitas vezes decepções, ele alerta que apenas por meio do voto é possível fazer mudanças. “Como a gente combate os retrocessos? Os avanços que nós fizemos foram no campo da política, não existe saída se não for pela política. É difícil, tenso, cansativo, os casos de corrupção nos desestimulam, mas a única tentativa é pelo voto, pelo exercício da cidadania. Você pode até errar, mas daqui a quatro anos a gente pode corrigir”.

Ele enfatizou que o político é dependente dos eleitores, não o



“ A sociedade grega era escravocrata e desigual, existe essa ideia de democracia, mas tudo num plano urbano ”

Luciano Albino



“ O caminho para conseguir a cidadania plena é por meio da política ”

contrário. “Quando a gente entender isso é que vamos ter uma nova compreensão da política. É importante o voto, a crítica, é importante estar alerta aos serviços públicos, a importância da nossa presidência”.

Apesar dos diversos problemas enfrentados no Brasil, seja com a corrupção ou com a quebra de direitos, o país também assistiu a diversos avanços no decorrer dos anos. O sociólogo dá destaque ao Sistema Único de Saúde (SUS), que mostrou a sua importância principalmente nos últimos meses. “Imagine o que seria do Brasil sem o SUS nesta pandemia. Sem educação pública. Só é possível garantir um estado suficiente pelo voto. A democracia é essa possibilidade de a sociedade controlar o estado”.



Cidadania frágil

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Negros, mulheres, índios... E os direitos limitados como cidadãos



Uma sociedade sem uma cidadania plena é uma sociedade desigual. Diferente dos países europeus, por exemplo, o Brasil não conseguiu estabelecer uma cidadania baseada nos três pilares dos direitos civis, políticos e sociais. O resultado foi diversos problemas atuais como o racismo e o machismo. Negros, mulheres, índios, pobres e todas as minorias passam diariamente por preconceitos e têm seus direitos limitados como cidadãos.

O professor de Sociologia e Antropologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Luciano Albino, explicou que o Brasil demorou para ter os pilares da cidadania consolidados. Isso aconteceu na Constituição de 1988, no entanto, na prática, nem sempre eles são respeitados. “Tratando-se do Brasil a gente tem uma cidadania frágil. Temos movimentos que pretendem garantir a cidadania plena, mas nós não temos do ponto de vista cultural a consolidação de bases democráticas para uma cidadania plena”.

Para o sociólogo, a herança escravocrata do Brasil é o principal motivo da ideia de igualdade ser tão difícil de ser aplicada. “Na Inglaterra, por exemplo, quando acabou o feudalismo e implantou o capitalismo, todo mundo era visto como inglês. Mas aqui no Brasil, com a declaração da Lei Áurea, não era por conta de uma lei que o dono de escravos passou a ver o negro como igual. O conceito de cidadania é dificultado tendo em vista que ainda temos resquícios de uma sociedade escravocrata e pessoas que não se sentem iguais”.

É necessário mais do que leis para que essa realidade mude. A cultura do Brasil preza por elementos de diferenciação racial e permanência de formas desiguais de interação. “Temos um país em que a empregada doméstica, o lavador de carros, não pode ir para a universidade, não pode ser doutor, como se ele tivesse destinado a ocupar um espaço menor. Entre nós é muito difícil pensar a cidadania, porque ainda temos na cabeça uma ideia de subcidadania”.

A parte minoritária da sociedade é excluída da sociedade cidadã, como se a cidadania fosse apenas para alguns. O professor explica que esse modelo é reproduzido de maneira geral no país. “Essa estratificação baseada em desigualdade racial se manifesta em toda a sociedade. O racismo no Brasil está em todas as esferas, não só na elite, em todas as camadas. Eu entendo que a grande dificuldade da gente efetivar uma cidadania plena é que a gente não conseguiu ainda superar esse trauma que foi a escravidão no Brasil”.

A ideia de que mulheres, negros, índios, pobres são cidadãos inferiores está enraizada na cultura do país, e é reproduzida através do preconceito e racismo. “A ideia de pensar liberdade é muito difícil. Dividir um avião com um negro, dividir a sala de aula na universidade com o filho da empregada doméstica é muito difícil de ser engolido por muita gente ainda. E não é uma ou duas pessoas não, parece que metade do Brasil ainda está no século XIX em termos de valores”.

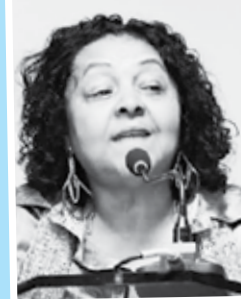
O Brasil não foi o único país do mundo a ser escravocrata. A Inglaterra, por exemplo, foi uma das maiores exportadoras de escravos. No entanto, por que países europeus, mesmo com um passado tão parecido, conseguiram construir um futuro mais igualitário? O professor explica que a quebra do princípio de cidadania civil foi o principal motivo que fez com que a desigualdade se tornasse um problema cultural no Brasil. “Eles conseguiram radicalizar a ideia de cidadania, cidadania na perspectiva de direitos civis, políticos e sociais. A gente não conseguiu fazer isso porque não conseguimos efetivar a primeira cidadania que é a civil”.

Ele completou explicando que a solução está além de uma reforma educacional. “Temos dificuldades em criar empatia com as diferenças. Para mim, a grande questão é cultural. Não é educacional. Nesse sentido é que a escola vai mudar. Temos que superar uma herança escravocrata que nos persegue. Enquanto a gente continuar sendo racista, a gente nunca vai realizar uma cidadania plena”.



“O Estado brasileiro nunca se importou com a população negra. (...) É um povo que faz parte deste país, mas o país não vê esse povo”

Ivonildes Fonseca



População afro-brasileira não consegue usufruir da cidadania plena

Para Ivonildes da Silva Fonseca, doutora e professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), integrante da Ong de Mulheres Negras da Paraíba e participante do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, a população afro-brasileira não consegue usufruir da cidadania plena. “Pegando esse ponto da religião, se for uma pessoa que se coloque como uma pessoa de Candomblé, por exemplo, vai ser desprezadas, sofrer escárnio, não tem um respeito. No dia a dia essas pessoas estão submetidas às mais diversas violências. É uma série de constrangimentos que confirma que a cidadania negra não se efetivou no Brasil”.

A falta de uma cidadania consolidada refletiu diretamente na forma como o racismo foi reproduzido no Brasil. “O Estado brasileiro nunca se importou com a população negra. Para não dizer que foi totalmente omissa, nós temos no início dos anos de 2000 um governo que começa a fazer políticas públicas desse tipo, mas isso foi interrompido. É um povo que faz parte deste país, mas o país não vê esse povo”.

A professora explicou que a naturalização da morte das pessoas negras e indígenas é um exemplo dessa falta de direitos. Além da falta de políticas públicas, há uma indiferença. “Políticas públicas são paliativas. No sistema político econômico do capitalismo a gente não tem remédio para nada. Um exemplo disso é a forma que o governo federal atua. Enquanto a gente tiver grupinhos controlando o país, privatizando tudo, até o SUS querem privatizar, a solução é a gente sair dessa política neoliberal. O povo negro não é considerado um povo humano por todos. Existe uma naturalização, que mata jovem, mulher, a gente não tem medidas efetivas que evitem isso. Não temos cidadania”.

“

Tratando-se do Brasil, a gente tem uma cidadania frágil. Temos movimentos que pretendem garantir a cidadania plena, mas nós não temos do ponto de vista cultural a consolidação de bases democráticas para uma cidadania plena

Cidadania ativa

Sem liberdades individuais, humanidade retornaria aos tempos de escravidão e da idade média

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

Uma cidadania ativa garante uma Democracia efetiva, visto que ela é um dos pilares que sustenta esse tipo de governo. Em tempos obscuros, os direitos conquistados são uma, das primeiras coisas a serem ameaçadas e atacadas, principalmente o das consideradas minorias sociais, como negros, mulheres, indígenas e LGBTQIA+. E, antes mesmo da democracia se constituir como forma de poder no Brasil, a cidadania já enfrentava obstáculos em determinados contextos.

De acordo com Maria de Nazaré Zenaide, professora do Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos da Universidade Federal da Paraíba, é essencial que haja respeito às diferenças, pois isso é “parte estruturante de uma cidadania democrática e plural. Não se justifica o abuso e o desrespeito às diferenças, a violência é a expressão do que é mais bárbaro no ser humano”, afirma ela.

Entretanto, a pesquisadora relembra que “eliminar as nações indígenas, suas línguas e religião foi a forma do colonizador implantar uma mentalidade excludente até hoje presente na sociedade brasileira. Arrancar os africanos para o trabalho escravo e a exploração sexual e social gerou uma mentalidade racista como se houvesse pessoas e subpessoas, cidadãos e subcidadãos”, explica Zenaide.

Rosa Godoy, historiadora, reforça a importância das liberdades individuais e esclarece que, sem a preservação delas, a humanidade retornaria aos tempos de escravidão e da Idade Média, em que a violência e o abuso do poder era a principal regra.

“A história da humanidade não comporta tantas tiranias, é preciso educar o cidadão desde a infância a conviver com a pluralidade de ideias políticas e religiosas, com a pluralidade cultural e étnica. As guerras têm ensinado o preço da ambição econômica e política. A Terra com a pandemia alerta a humanidade do desrespeito humano à vida na Terra”, diz ela.

A qualidade da cidadania dentro da sociedade pode ser medi-

da através do nível de acesso aos direitos. A ausência de acesso de pessoas e coletivos a educação, moradia, proteção social, emprego, transporte, infraestrutura, serviços básicos de saúde, dentre outras coisas, significa manutenção de estruturas de desigualdade social. “Os recursos públicos precisam ser distribuídos de modo a garantir direitos de cidadania para todos os segmentos, e especialmente, para os setores sociais em situação histórica de exclusão e abandono social”, complementa Maria de Nazaré.

E os direitos e a cidadania se estendem também àqueles que, apesar de não serem nascidos brasileiros, por exemplo, possuem nacionalidade local. “Se nacionalidade é, jurídica e politicamente falando, o vínculo entre um indivíduo e um Estado, é esse vínculo que estabelece uma relação de pertencimento, assegurando ao indivíduo-membro direitos neste Estado, mas também lhe instituindo deveres”, explica Rosa Godoy.

Em geral, uma cidadania ativa e plena é um horizonte a ser almejado, que tem a tendência de ir se alargando, como aconteceu ao longo dos anos no processo de construção da cidadania. Entretanto, é preciso estar atento e saber que essa cidadania pode sofrer retrocessos com, por exemplo, perda de direitos e cerceamento da liberdade, comuns em regimes autoritários e ditatoriais. “Existe uma plenificação da cidadania. Ela se plenifica quando o cidadão e a cidadã têm consciência dos seus direitos e deveres disponíveis, exerce-os, inclusive, para modificá-los, transformá-los”, conclui a historiadora Rosa Godoy.



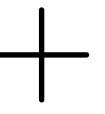
O caminho percorrido pela cidadania no Brasil

“Com absoluto rigor histórico, podemos dizer que a cidadania ainda não se configurou plenamente no Brasil. A cultura de direitos e, portanto, de deveres, ainda tem enormes fragilidades e lacunas”, destaca Rosa Godoy. “Essa cultura de direitos foi construída historicamente a partir da formação do capitalismo e da sociedade burguesa, na Europa e nos Estados Unidos, mas, no caso brasileiro, nem sequer fizemos uma revolução burguesa nos mesmos moldes. Trata-se de uma sociedade capitalista e há burguesia, contudo, foi um país colonizado, escravista e com estruturas autoritárias de poder.

“ Houve restrição da liberdade e repressão do regime

“ Eliminar as nações indígenas (...) Arrancar os africanos para o trabalho escravo e a exploração sexual e social gerou uma mentalidade racista como se houvesse pessoas e subpessoas, cidadãos e subcidadãos “

Maria de Nazaré



Daí essa herança de desigualdades sociais, discriminações, preconceitos, violência de várias ordens”, completa a historiadora.

Apenas em 1889, depois de 322 anos de colônia e mais 67 anos de império, o Brasil alcança a instalação da República, sem um processo muito revolucionário, apesar dos registros de lutas e movimentos de resistência. Segundo a professora do Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos da UFPB, Maria de Nazaré Zenaide, o legado autoritário do país se apresenta diante dos 389 anos em que “as liberdades civis foram negadas às populações indígenas e afro-brasileiras, sedimentando uma estrutura de desigualdades sociais e um processo de hierarquização social e consolidando um grande abismo social entre parcela significativa de brasileiros excluídos e a parcela incluída no mercado de trabalho”.

Em 1824, com a primeira Constituição imperial, surge uma cidadania restrita, que não abraçava os escravos, as mulheres e nem os soldados. Os traços da desigualdade do país se solidificam através do histórico analfabetismo, a concentração de terras, a escravidão, o autoritarismo e a violência institucional.

Mesmo com as lutas do movimento abolicionista entre 1878 e 1888, o Brasil chega ao governo de república sem resolver a questão da escravidão – e, portanto, ferindo os direitos de liberdade. Desenvolvida em 1891, a Constituição republicana pregava igualdade jurídica com relação a todos os cidadãos, mesmo que a cidadania política (o direito ao voto, por exemplo) estivesse proibida aos analfabetos, mulheres e soldados. Voto este que, de forma direta, foi instituído em 1881 – aumentando o valor da renda, delimitando assim a participação política.

Na fase da Segunda República, mais precisamente em 1934, uma nova Constituição é apresentada, com proteção ao trabalho, voto obrigatório e secreto a partir dos 18 anos (com direito à participação feminina, reivindicada na primeira onda do feminismo com as sufragistas, em meados de 1920), ainda proibidos para analfabetos e moradores de rua; criação da Justiça Eleitoral e Justiça do Trabalho; surgem as leis trabalhistas, com as definições de jornada de trabalho de oito horas ao dia, repouso semanal e férias remuneradas; ação popular e mandado de segurança.

Após tantos ganhos, o Brasil passa pelo seu primeiro regime de restrição de direitos fundamentais, em 1937 até 1945, no governo de Getúlio Vargas. A cidadania civil e política é abalada, há a dissolução do Congresso, supressão das liberdades individuais, cassação de mandatos, censura de opinião e expressão, prisão e exílio para adversários políticos, dentre outras coisas. Outro período marcado pelo

autoritarismo virá anos depois, de 1964 a 1985, a ditadura militar.

Após a Era Vargas, em 1946 se estabelece uma Constituição de natureza democrática, reestabelecendo os direitos individuais, acabando com a censura e a pena de morte. A independência dos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) também é devolvida e a autonomia dos estados e municípios. Nasce a eleição direta para presidente da República, com mandato de cinco anos. O direito à greve, livre associação sindical, defesa da propriedade condicionada ao bem-social foram alguns dos outros ganhos com o documento. “A Constituição de 1946 teve uma emenda promulgada, o ato adicional de 2 de setembro de 1961, que instituiu o regime parlamentarista em face da renúncia de Jânio Quadros, e a resistência de militares na posse de João Goulart”, explica Maria de Nazaré.

A resistência leva ao golpe e o regime militar é estabelecido em 1964. O período durou 21 anos, teve cinco mandatos militares e, durante eles, instituiu 16 atos institucionais – que eram mecanismos legais que se colocavam acima da Constituição vigente até então. Como mencionado, durante esses anos, houve restrição da liberdade, repressão aos que se opunham ao regime e censura. O primeiro general a tomar posse foi Castelo Branco e o último foi João Figueiredo. Os governos de Costa e Silva e Médici, entre 1967 e 1974, foram considerados os de maior repressão e os “anos de chumbo” – marcados pela censura dos meios de comunicação, torturas e o AI-5, que fechou o Congresso.

É, basicamente, o Ato Institucional 5 que vai se sustentar como a Constituição de 1967, adotando eleição indireta para presidente da República, através de colégio eleitoral, suspensão das garantias individuais e dos magistrados, fechamento do Congresso Nacional, recesso dos mandatos de senadores, deputados e vereadores. “Também suspendeu os direitos políticos, a liberdade de reunião, censura aos meios de comunicação, música, teatro e cinema; suspendeu o habeas corpus para os crimes políticos; decretou estado de sítio e fez intervenção em estados e municípios”, pontua Maria de Nazaré.

Apenas em 1988, com a Constituição vigente até os dias de hoje, que a ordem democrática é reestabelecida. O documento é fundamentado nos princípios da cidadania, da dignidade da pessoa humana, da soberania, dos valores sociais do trabalho, da livre iniciativa e também do pluralismo político. A atual constituição tem, então, o desafio de reduzir a pobreza e a marginalização e erradicar as discriminações sociais “que alimentam a violência estrutural herdada da escravidão”, finaliza Zenaide.

democracia efetiva

Conquista dos direitos e deveres que tornam um indivíduo cidadão

Há períodos em que a cidadania passa por obstáculos

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

A palavra cidadania deriva do latim civitas, que significa cidade, representando a vida pública e em sociedade. De civis, no latim, derivou o termo cidadão. E do grego pólis surge cidade, que derivou política. São essas primeiras ideias, na Grécia Antiga, que começaram a delinear o conceito de cidadania – que até hoje não é uma coisa estática, mas sim dinâmica. Há períodos na história em que o exercício da cidadania passou por obstáculos, contudo, de forma simplista, é possível defini-la como a conquista dos direitos e deveres que tornam um indivíduo cidadão.

Foi no contexto da pólis grega que surgiu o que se acredita ser a primeira definição de cidadania, com Aristóteles, que descreveu como cidadão aquele que “tinha o direito (e, consequentemente, também o dever) de contribuir para a formação do governo, participando ativamente das assembleias nas quais se tomavam as decisões que envolviam a coletividade e exercendo os cargos que executavam essas decisões”, sinaliza o sociólogo Roberto Vêras de Oliveira, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Apesar dessa definição pio-

neira, a historiadora Rosa Godoy, que atua com História há 52 anos e com direitos humanos há, pelo menos, 25 anos, diz que não é possível colocar o conceito de cidadania em uma única caixinha, pois, “como tudo historicamente construído pelos seres humanos, um conceito é marcado pelas diversidades da espécie humana no tempo social. Assim, conceitos são variáveis entre sociedades e grupos sociais, são variáveis de época a época”, disse ela. No geral, existem duas concepções mais debatidas, sendo elas a concepção liberal de cidadania e a concepção socialista.

A concepção liberal corresponde à definição simplista, trazendo uma visão jurídico-formal de direitos e deveres. Enquanto isso, a cidadania aos olhos do socialismo traz uma conotação para além do jurídico-formal, considerando também dimensões econômicas e sociais. “A concepção liberal, por força do triunfo capitalista, circulou mais no imaginário social, mas, com o rastro de desigualdades, violências, discriminações, nas mais diversas sociedades, a concepção socialista cresceu. Porém, com a globalização e os novos problemas postos à humanidade no mundo atual, especialmente a questão ecológica, novas concepções têm sido formuladas,

em perspectiva mais global, mais abrangente, mais diversificada, mais holística”, afirmou Rosa.

Ainda quanto às concepções de cidadania, existem pesquisadores, assim como Rosa Godoy, que defendem que o dinamismo do conceito da palavra é histórico, sendo passível de se adequar ao seu espaço e tempo. Portanto, subentende-se que, à medida que a sociedade evolui e o tempo passa, a cidadania se ressignifica para englobar as novas necessidades e realidades. Na prática, isso aconteceu de forma um “pouco” diferente.

Foi somente nos séculos 17 e 18, com a criação dos estados modernos, que os direitos do homem passam a ser incorporados em declarações de direitos contra o nepotismo da servidão. A professora Maria de Nazaré Ze-

naide, do Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos da UFPB, lista alguns exemplos dessas declarações, como “a Declaração de Direitos (Bill of Rights) da Revolução Gloriosa de 1688/89 que concluiu o período da guerra civil inglesa, iniciada em 1640, levando à formação de uma monarquia parlamentar que dura até os dias de hoje e a Declaração de Direitos do Estado da Virgínia, de 1776, que foi a base da Declaração da Independência dos Estados Unidos da América (em

particular as primeiras 10 emendas de 1791) e criou a primeiro grande estado democrático moderno”, pontua ela.

A cidadania se aplica diretamente a todas as dimensões de uma vida em sociedade, seja nas esferas econômicas, sociais, políticas ou culturais. Em razão disso, ao longo da história, os direitos e deveres institucionalizados foram criados abrangendo todos esses âmbitos em resposta aos problemas postos pela sociedade.

“A concepção liberal, por força do triunfo capitalista, circulou mais no imaginário social, mas, com o rastro de desigualdades, violências, discriminações, nas mais diversas sociedades, a concepção socialista cresceu”

Rosa Godoy



Busca de universalização dos direitos se dá numa cultura de direitos humanos



Reivindicações dos povos originários passam a ser consignados em direitos

Construção histórica dos direitos humanos



No período da época moderna, a chamada cultura de direitos foi instaurada nas lutas contra os regimes absolutistas do ocidente europeu. Nasceram os direitos civis e políticos, que estão ligados à liberdade de locomoção, de ir e vir; liberdade de opinião contra a censura e a repressão do Estado; liberdade para participar da vida política, como o direito ao voto, por exemplo; e igualdade de todos perante a lei.

Com o contexto da Revolução Industrial, da metade do século 19 e a primeira metade do século 20, quando há a formação do proletariado e as lutas operárias, são incorporados os direitos re-

lacionados às esferas econômicas e sociais – ou seja, direitos trabalhistas, como salário, jornada de trabalho, regulação do trabalho infantil e das mulheres; e políticas sociais voltadas para a saúde, educação e previdência social, por exemplo. É o surgimento dos direitos ligados à luta contra a burguesia.

Ainda no século 20, dessa vez na segunda metade, se delineiam os processos de descolonização de países asiáticos e africanos, o que começa a constituir uma nova forma de direito: a livre determinação dos povos. Ao passo que a cidadania possui grandes avanços no século 20, o período entre as

décadas de 1940 e 1950 é marcado por um grande retrocesso. A Segunda Guerra Mundial, o Holocausto e a ascensão do nazifascismo afetam não só os judeus, ciganos, testemunhas de Jeová, homossexuais, negros e outros perseguidos pelo governo de Hitler, mas sim todo o planeta.

Para conter os impactos desse período e os resquícios também da Primeira Guerra, nasce a Organização das Nações Unidas (ONU) e, em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos. “Destemodo, a busca de universalização dos direitos se expressa em uma cultura de direitos humanos, que tece forte crítica aos genocídios. Os vários conjuntos de direitos mencionados são ampliados”, destaca Rosa Godoy.

Os anos seguintes trazem lutas pontuais relativas às cidadanias de diversas identidades culturais. A primeira manifestação, em meados de 1950, é marcada pelas lutas raciais nos Estados Unidos e a pressão mundial contra o Apartheid, na África do Sul. Na década de 1960, vai haver o levante da segunda onda dos movimentos feministas, com reivindicações ligadas à inserção no mercado de

trabalho, lei do divórcio, métodos contraceptivos e o combate às estruturas sexistas.

E, nos anos de 1970, as causas da população, originalmente, LGBT passam a ser pauta. “Um novo e complexo conjunto de direitos passa a ser institucionalizado, visando combater o racismo, os preconceitos, as discriminações de gênero e orientações sexuais. Também as reivindicações dos povos originários (indígenas) passam a ser consignados em direitos”, explica Godoy.

A partir da década de 1980, duas grandes problemáticas re-

lacionadas ao exercício da cidadania plena surgem, convidando – em nível mundial – a criação de novos direitos: a defesa do meio ambiente e o combate ao terrorismo. Segundo Rosa Godoy, as duas pautas levaram o debate acerca dos direitos humanos a um outro patamar, visto que colocavam em risco a espécie humana. “Todos esses conjuntos de direitos historicamente construídos afetam os seres humanos, atingem os cidadãos em menor ou maior grau, a depender das condições concretas das sociedades em que vivem”, completa ela.

